UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

LAURA KLEMZ GUERRERO

LIVROS DE HORAS MANUSCRITOS: UMA ABORDAGEM CODICOLÓGICA

Rio de Janeiro
2008

LAURA KLEMZ GUERRERO

LIVROS DE HORAS MANUSCRITOS: UMA ABORDAGEM CODICOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia

Orientadora: Profª. MS Ana Virginia Pinheiro

Rio de Janeiro
2008

G934 Guerrero, Laura Klemz.
Livros de Horas manuscritos: uma abordagem codicológica / Laura Klemz Guerrero. – 2007.
71 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
Bibliografia: f. 67-71.

1. Livros de Horas. 2. Manuscritos.
3. História do Livro. I. Título.

CDD 091

LAURA KLEMZ GUERRERO

LIVROS DE HORAS MANUSCRITOS: UMA ABORDAGEM CODICOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª MS Ana Virginia Pinheiro – Orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.ª ESP Iris Abdallah Cerqueira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Para meus pais, por me ensinarem a aprender.

AGRADECIMENTOS

Ao Mauro, por tantas coisas que seria impossível listar.

Aos amigos mui distintos: Fabiano e Stefanie, por todas as conversas, silêncios e apoio imenso. Vocês fizeram cada momento valer a pena.

Aos queridos Amauri e Carol, por terem sido os portadores de vários livros que estão nas referências. Para vocês, a expressão “o peso do conhecimento” adquiriu sentido literal.

À Laurinha, pelo apoio persistente em meio a tantas mudanças.

À Mariana, pelo empréstimo de epígrafe, pelos *emailssengers* e sorrisos de dentes.

À Maria Luiza, pela ajuda luxuosa em algumas traduções.

Ao professor Franklin Leal, que sempre renova minha fé.

Ao Rafael Cardoso, por me ajudar a superar um obstáculo nefasto.

À minha orientadora, professora Ana Virginia Pinheiro, pela dedicação e paciência de acompanhar cada etapa deste trabalho, sendo minha guia através do caminho atribulado que foi elaborar esta monografia. Obrigada por ter aberto as portas para o fascinante mundo dos livros raros.

À professora Iris Abdallah Cerqueira, que ajudou a seguir em frente nesse processo com palavras de incentivo.

Ao professor Marcos Miranda, por estar sempre disposto a ajudar.

Aos professores da UNIRIO cujo comprometimento com o ensino serve de inspiração.

Aos artistas dos *scriptoria* e oficinas medievais que, através de seu trabalho, registraram parte da memória da humanidade e tornaram o mundo mais bonito.

“Dentre os instrumentos inventados pelo homem, o mais importante é, sem dúvida, o livro.
Os demais são extensões de seu corpo.
O microscópio e o telescópio são extensões da visão; o telefone, uma extensão da voz e, finalmente, temos o arado e a espada, ambos extensões do braço.
O livro, porém, é outra coisa.
O livro é uma extensão da memória e da imaginação”.

(Jorge Luís Borges)

RESUMO

Apresenta um estudo sobre os Livros de Horas manuscritos produzidos até o século XV – um tipo específico de livro manuscrito, feito para a comunidade laica e considerado *best-seller* medieval, que serviu como referência para a elaboração dos primeiros livros impressos. Aborda o assunto sob o viés da Codicologia, que estuda os aspectos materiais dos livros, comentando sobre a abrangência dessa disciplina. Aponta definições e características dos Livros de Horas manuscritos, mostrando o contexto histórico em que estavam inseridos e algumas razões para seu surgimento e subsequente popularidade durante a Idade Média. Examina seu processo de manufatura, mostrando materiais e instrumentos utilizados, assim como as práticas de trabalho dos *scriptoria* e oficinas medievais. Descreve a estrutura textual e imagética dos Livros de Horas, incluindo exemplos de imagens comumente associadas aos textos. Ressalta a importância da História do livro para a formação do bibliotecário. Sugere a utilização deste trabalho como ponto de partida para a conscientização da complexidade do livro como obra de arte e como registro do conhecimento. Conclui enfatizando a necessidade do conhecimento da materialidade dos Livros de Horas, oferecidos para consulta por bibliotecários de livros raros em bibliotecas de todo o mundo.

Palavras-chave: Livros de Horas. Manuscritos. Codicologia. História do livro.

ABSTRACT

Presents a study about manuscript Books of Hours produced until the fifteenth century – a specific type of manuscript book, made for the laity and considered a medieval best-seller, that was a reference for the production of the first printed books. Approaches the subject through the perspective of Codicology, which studies the physical aspects of books, commenting on this discipline scope. Shows definitions and characteristics of the manuscript Books of Hours, mentioning the historical context in which they existed and some reasons for their emergence and subsequent popularity during the Middle Ages. Examines their fabrication process, presenting materials and utensils, as well as the practices of medieval *scriptoria* and workshops. Describes the textual and imagetical structure of Books of Hours, including examples of images usually associated to the texts. Emphasizes the importance for librarians to study History of the Book. Suggests the use of this study as a starting point for acquiring knowledge about the complexity of the book as a work of art and as an information registry. Concludes pointing out the need of awareness about the materiality of the Books of Hours, offered for consultation by rare books librarians at libraries all over the world.
Keywords: Books of Hours. Manuscripts. Codicology. History of the Book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Livro de Horas manuscrito aberto mostra a orante em prece diante da Virgem e do Menino Jesus	17
Figura 2	Preparo do pergaminho – faca luniforme em uso	24
Figura 3	Preparo de pergaminho – pele é esticada numa moldura	25
Figura 4	Penas de ave preparadas para aplicação de tinta	28
Figura 5	Escriba copia um manuscrito em seu ambiente de trabalho	29
Figura 6	Pautação em manuscrito inacabado	30
Figura 7	Manuscrito com texto copiado e espaço vago para as imagens	31
Figura 8	O calendário Juliano no Livro de Horas manuscrito (representado na terceira e quarta colunas)	35
Figura 9	Esquema de gradação simples em detalhe de calendário	37
Figura 10	Esquema de gradação luxuosa em detalhe de calendário	37
Figura 11	Calendário do mês de junho mostra camponeses ceifando	40
Figura 12	Calendário do mês de dezembro mostra o abate de um porco	40
Figura 13	O trabalho dos meses e o zodíaco – detalhe de calendário referente ao mês de fevereiro, mostra o signo zodiacal correspondente (Peixes) e a atividade do mês (manter-se aquecido)	41
Figura 14	Números de Ouro (1ª coluna) e Letras Dominicais (2ª coluna) em detalhe de calendário	42
Figura 15	Imagem de abertura das Lições do Evangelho, mostrando os quatro evangelistas	43
Figura 16	S. João retratado em Patmos, acompanhado de uma águia, escrevendo o Apocalipse	44
Figura 17	S. Lucas, acompanhado de um touro, pinta a Virgem Maria	45
Figura 18	S. Mateus é retratado na companhia de um anjo	46
Figura 19	S. Marcos, retratado como um escriba e acompanhado de um leão	47
Figura 20	Miniatura da prece *Obsecro te*, retrata a proprietária do Livro de Horas diante da Madona	49
Figura 21	Miniatura da prece *O Intemerata*, representando a Pietà	50

Figura 22 Horas da Virgem – a Anunciação 52
Figura 23 Horas da Virgem – A Fuga para o Egito 53
Figura 24 Horas da Virgem – A Traição de Judas 54
Figura 25 Horas da Virgem – Cristo diante de Pilatos 55
Figura 26 Horas da Cruz – a Crucificação 57
Figura 27 Horas do Espírito Santo – Pentecostes 58
Figura 28 Salmos Penitenciais – Davi em penitência 60
Figura 29 Litania dos Santos com pequenas imagens acompanhando as invocações aos santos 61
Figura 30 Miniatura do Ofício dos Mortos 63
Figura 31 Sufrágios dos Santos – São Jorge 64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Livros de Horas manuscritos – textos e imagens associadas	34
Quadro 2	O trabalho dos meses nos calendários	39
Quadro 3	Os signos zodiacais no calendário, mês a mês	41
Quadro 4	Horas da Virgem – tema das imagens associadas ao Ciclo da Infância ...	52
Quadro 5	Horas da Virgem – tema das imagens associadas ao Ciclo da Paixão	54
Quadro 6	Horas da Cruz – tema das imagens associadas à seqüência canônica	56
Quadro 7	Horas do Espírito Santo – tema das imagens associadas à seqüência canônica	58

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 12

2 **O ESTUDO DOS MANUSCRITOS SOB O VIÉS DA CODICOLOGIA** 14

3 **O LIVRO DE HORAS MANUSCRITO** 17

3.1 **O conteúdo dos Livros de Horas manuscritos** 18

3.2 **A continente dos Livros de Horas manuscritos** 20

4 **A PRODUÇÃO DOS LIVROS DE HORAS MANUSCRITOS** 22

4.1 **Os *scriptoria* e oficinas medievais** 22

4.2 **O pergaminho como suporte do registro do conhecimento** 23

4.3 **Os materiais de escrita: tintas e penas** 26

4.4 **O processo de produção** 28

5 **ESTRUTURA TEXTUAL E IMAGÉTICA DO LIVRO DE HORAS** 33

5.1 **Calendário** 35

5.2 **Lições do Evangelho** 43

5.3 **Orações para a Virgem: *Obsecro Te* e *O Intemerata*** 48

5.3.1 Obsecro te 48

5.3.2 O Intemerata 49

5.4 **Horas da Virgem** 51

5.5 **Horas da Cruz e Horas do Espírito Santo** 55

5.5.1 *Horas da Cruz* 56

5.5.2 *Horas do Espírito Santo* 57

5.6 **Salmos Penitenciais e Litania dos Santos** 59

5.6.1 *Salmos Penitenciais* 59

5.6.2 *Litania dos Santos* 60

5.7 **Ofício dos Mortos** 62

5.8 **Sufrágios** 63

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 65

REFERÊNCIAS 67

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é resgatar a história dos Livros de Horas manuscritos até o século XV – um tipo específico de livro manuscrito, considerado um *best-seller* medieval, que serviu como referência para a elaboração dos primeiros livros impressos – e descrever sua materialidade.

Os Livros de Horas ainda existem – agora sob a forma impressa, disponível a partir do advento da imprensa, no século XV.

Neste trabalho, contudo, trataremos exclusivamente dos Livros de Horas manuscritos, iluminados por artistas medievais. O foco da pesquisa está voltado para os aspectos materiais desses livros, privilegiando a investigação sobre seu processo de manufatura e a descrição de sua estrutura textual e imagética.

Não seria possível nem tampouco desejável ignorar o contexto histórico em que foram produzidos os Livros de Horas manuscritos. Esta pesquisa oferece informações sobre essas circunstâncias históricas que, devido à complexidade do assunto e do escopo proposto, são de caráter panorâmico.

Em tempos de livros e bibliotecas digitais, em que se discute o futuro do livro impresso e novas tecnologias de registro de conhecimento são implementadas, pode parecer anacrônico e irrelevante o estudo de livros manuscritos. Afinal, por que é importante, no âmbito da Biblioteconomia, estudar a História do Livro? Qual a contribuição de estudos sobre livros manuscritos medievais para o bibliotecário?

Esses questionamentos, cujas respostas se pretende ponderadas nesta pesquisa, levaram a uma necessária revisão de literatura, com ênfase para o livro manuscrito, e à definição de termos essenciais para a compreensão do assunto – alicerçadas no levantamento exaustivo, de todas as fontes possíveis para abordagem do tema, destacadamente, em português, espanhol e inglês.

A descrição da materialidade proposta neste trabalho levou em consideração os métodos da Codicologia – área do conhecimento do livro manuscrito que estuda seus aspectos materiais. Os métodos pertinentes viabilizaram a descrição da estrutura textual e imagética dos Livros de Horas manuscritos; foram incluídos exemplos ilustrativos.

É importante ressaltar que em meio ao rico universo de possibilidades de pesquisa da Biblioteconomia, a escolha dos Livros de Horas manuscritos justifica-se por sua representatividade como registros das práticas de produção de livros na Idade Média – registros que materializaram uma estrutura de livro consagrada pelo advento da tipografia.

À justificativa formal é inevitável acrescentar a emocional: fascinação.

Os Livros de Horas manuscritos são objetos impressionantes: seu desenho, a disposição do texto e das imagens, o conjunto de informações sublineares que oferecem, sua decoração quase sempre cintilante em ouro ou prata, o uso de cores numa época em que a obtenção de tintas era totalmente artesanal, tudo isso deleita nossos olhos e mente, convertendo-se em experiência avassaladora.

Se, como escreveu Marc Bloch (1997, p. 77), o objeto de estudo da história é “o espectáculo das atividades humanas”, nada mais oportuno que estudar, no âmbito da História do Livro, objetos tão espetaculares quanto os Livros de Horas manuscritos – registros materiais da fabricação de livros e da história da civilização medieval.

2 O ESTUDO DOS MANUSCRITOS SOB O VIÉS DA CODICOLOGIA

A História do Livro, ao ser abordada sob a ótica descritiva e analítica, é o "estudo direto dos testemunhos materiais conservados na atualidade" (PINHEIRO, 2003, p. 13). Quando o material estudado segundo essa abordagem é o livro manuscrito, a pesquisa se insere no âmbito da Codicologia.

"A Codicologia, como disciplina, é bastante recente e se ocupa dos livros anteriores à aparição do livro impresso" (PINHEIRO, 1995, p. 125); mais especificamente, a codicologia "analisa o manuscrito medieval como objeto arqueológico, segundo suas características externas: a decoração, o projeto da página, as marcas de propriedade" (INSTITUT DE RECHERCHE ET D'HISTOIRE DES TEXTES, 2007, tradução nossa).

Na opinião do professor James W. Marchand (2002, tradução nossa), a codicologia diz respeito à "preparação técnica das ferramentas e superfície da escrita. Num sentido mais amplo, trata dos cadernos, furações, pautas, layout, preparação do pergaminho, e da encadernação".

E por qual razão um bibliotecário deve se aventurar nessa espécie de estudo? Podemos dizer que o estudo dos manuscritos sob a perspectiva codicológica é, se não essencial, extremamente desejável para o bibliotecário que trabalha ou pretende trabalhar com acervos de memória, que podem incluir manuscritos.

Ao estudar os livros manuscritos segundo suas características externas, a Codicologia se aproxima da Bibliologia, área que estuda as características externas dos livros impressos.

Estabelecendo um paralelo entre Bibliologia e Codicologia, encontramos definições específicas que, consideradas as devidas proporções, levam ao entendimento de suas amplitudes. Segundo Domingo Buonocore (1948, p. 14), por exemplo, a Bibliologia estuda "o que poderíamos chamar de anatomia do livro moderno", ou seja, "sua estrutura e partes constitutivas". A Bibliologia é complementar à Bibliografia que é o "conhecimento de todos os textos impressos ou multigrafados. Fundamenta-se na pesquisa, na transcrição, na descrição e no arranjo desses textos" (MALCLÈS apud FIGUEIREDO; CUNHA, 1967, p. 16). Isto é, enquanto a Bibliologia se ocupa da materialidade, a Bibliografia se ocupa do conteúdo do livro. Essa relação de complementação teria equivalência entre a Codicologia e a Codicografia.

> O termo *codicologia* foi criado recentemente, existindo alguma divergência sobre quem o inventou, o filólogo Alphonse Dain ou o historiador Charles Samaran. Aparentemente, Samaran inventou *codicografia*, baseado em *paleografia*, e Dain inventou *codicologia* baseado nisso (MARCHAND, 2004, tradução nossa, grifo do autor).

Segundo Elisa Ruiz Garcia (1988, p. 12-18, tradução nossa), Charles Samaran teria sugerido o neologismo "codicografia" em 1927, significando ciência dos manuscritos, mas o termo não foi bem recebido na época; na década de 40 do mesmo século, Alphonse Dain teria sugerido o termo "codicologia", enfatizando que "se a palavra é nova, a ciência da codicologia não é" (DAIN apud DE GRÈVE, 2007, tradução nossa), e atribuindo a paternidade dessa área de estudo aos beneditinos e a Bernard de Montfaucon.

Enquanto a Codicografia "se propõe analisar e descrever os manuscritos e as coleções de manuscritos" (GRUYS apud RUIZ GARCIA, 1988, p. 376, tradução nossa), assemelhando-se, nesse papel, à Bibliografia, a Codicologia é "o estudo dos manuscritos como objetos e não como textos. Investigando sua criação [...] e história" (HALSALL, 1996, tradução nossa).

Há divergências, entretanto, sobre a abrangência da Codicologia. Alguns estudiosos ratificam a associação da Codicologia, exclusivamente, ao aspecto material do manuscrito (IRIGOIN apud RUIZ GARCIA, 1988; BROWN, 1994), outros ampliam seu objeto, como ciência de "estudo do livro manuscrito em todos os aspectos" (RUIZ GARCIA, 1988, p. 376, tradução nossa).

O debate sobre os domínios e a abrangência da codicologia é potencialmente infindável. Em meio a esse debate, optamos por utilizar como referência para este trabalho aquelas ponderações sobre a Codicologia como uma disciplina que considera o manuscrito sob as "perspectivas material [...], histórica e cultural" (NUNES; MARTINS, 2005); como uma abordagem que "pode esclarecer consideravelmente seu método de construção, local de origem, proveniência e pode auxiliar a reconstruir sua aparência original" (BROWN, 1994, p. 42, tradução nossa); como uma "arqueologia dos monumentos mais preciosos de uma civilização" (MASAI apud RUIZ GARCIA, 1988, p. 19, tradução nossa).

Essa visão dos livros manuscritos como monumentos não os transforma em objetos inócuos à condição humana; eles precisam ser usados, encontrar e ser encontrados por seus leitores para que possam existir plenamente[1]. Em linhas gerais, "a efetivação do uso, a recuperação do livro (manuscrito ou impresso) e a identificação do leitor são etapas de um processo que compete ao bibliotecário desencadear"[*] (Informação verbal) – esta é uma de suas atribuições, viabilizada pelos instrumentos da Codicologia, que promovem o pleno conhecimento do livro na sua materialidade, favorecendo a sua longevidade.

[1] Referência à Primeira Lei da Biblioteconomia, formulada por Ranganathan: "Os livros são para serem usados", isto é, o lugar do livro é a mão do leitor; complementada pela Segunda e Terceira Leis de Ranganathan: "A cada leitor, o seu livro" e "Para cada livro, o seu leitor", que indicam, respectivamente, que sempre haverá livros específicos para um leitor e que sempre haverá leitores específicos para toda sorte de livros (RANGANATHAN apud PINHEIRO, 2007a, f. 52-53).

[*] Informação verbal fornecida pela professora Ana Virginia Pinheiro, em 02 jan. 2008.

> Há, nesse contexto, uma certeza fundamental que deve ser considerada: os livros morrem – como matéria orgânica, têm tempo de vida útil e em nossas bibliotecas seladas, chaveadas, os livros morrem nas prateleiras, em caixotes, em depósitos, em cofres... enrugam, ressecam, esmaecem, viram fragmentos pela ação do bicho, da umidade, do tempo, da falta de uso (PINHEIRO, 2006).

3 O LIVRO DE HORAS MANUSCRITO

Um Livro de Horas **(Figura 1)**, manuscrito até o século XV, é uma coletânea de textos devocionais para “leigos da Idade Média” (WIECK, 2001, p. 27, tradução nossa) – é um livro produzido para devoção privada, que acumula “alguns elementos do breviário” (LIVRO..., 1999, p. 184) . O breviário é um livro que oferece “o ciclo de devoções diárias [...] executadas pelos membros de ordens religiosas e do clero” (BROWN, 1994, p. 50, tradução nossa).

Segundo Wieck (2001, p. 27), o surgimento e o florescimento dos Livros de Horas manuscritos, ao longo da Idade Média, estão relacionados ao desejo, que tinha a comunidade laica, de imitar o clero:

> A comunidade laica cobiçava tanto as orações quanto os livros do clero. Os homens e mulheres leigos invejavam também sua relação íntima e direta com Deus. Eles almejavam séries de orações como as do clero, porém menos complexas, e um tipo de livro como o breviário, que fosse mais fácil de utilizar e mais agradável para os olhos. O Livro de Horas, para os homens e mulheres leigos da Idade Média, santificou o tempo secular (tradução nossa).

Figura 1: Livro de Horas manuscrito aberto mostra a orante em prece diante da Virgem e do Menino Jesus
Fonte: Brown (1994, p.23).

Convém observar que os Livros de Horas manuscritos, embora fossem elaborados segundo um formato aprovado pela Igreja Católica, não eram livros litúrgicos (LIVRO..., 1999, p. 184), apesar de serem descritos desse modo por algumas fontes (Cf. LIVROS..., 1970, v. 7, p. 4063).

John Harthan (apud LIVROS..., 1997, p. 238) afirma que os Livros de Horas,

> Sob muitos aspectos, [são] os mais impressionantes documentos escritos do final da Idade Média. Os Livros de Horas eram, essencialmente, livros pessoais de orações encomendados por aristocratas leigos e produzidos para eles pelos melhores calígrafos e iluminadores da época. Eram populares e, com freqüência, muito belos, com ilustrações que fornecem numerosas informações sobre a vida não só religiosa mas também social desses dias.

O século XV foi a "grande era dos Livros de Horas" (BACKHOUSE, 2004, p. 9, tradução nossa), esses livros "estavam tão difundidos que eram poucos os membros da respeitável nobreza laica da Europa ocidental que podiam prescindir de ter um" (TOLLEY, 1993, p. VII, tradução nossa).

Do final do século XIII até o início do século XVI, por quase 250 anos, o Livro de Horas foi o *best-seller* medieval. Mais Livros de Horas, predominantemente em versões manuscritas e, no fim da Idade Média, em versões impressas, foram produzidos durante este período do que qualquer outro tipo de livro, incluindo a Bíblia (WIECK, 2001, p. 27).

Graças a essa popularidade, o Livro de Horas é "[…] o mais comum de todos os tipos sobreviventes de manuscritos iluminados" (PLUMMER, 2002, p. 3, tradução nossa), disponíveis nos acervos bibliográficos e documentais de memória.

3.1 O conteúdo dos Livros de Horas manuscritos

A denominação "Livro de Horas", ou *primer* ou *horae* (horas, em latim), deriva "[...] de seu texto essencial, as Horas da Virgem, ou mais propriamente o Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria" (PLUMMER, 2002, p.3, tradução nossa).

O Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria é subdividido em oito momentos, identificados como "horas canônicas": Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nona, Vésperas e Completas (PLUMMER, 2002, p. 3, tradução nossa).

Cada hora canônica corresponde a período do dia, determinado pela Igreja Católica, em que o orante, o leitor-devoto recita orações: "[...] Matinas e Laudes antes do nascer do sol,

Prima ao nascer do sol [cerca de seis horas], Terça às nove horas da manhã, Sexta ao meio-dia, Nona às três da tarde, Vésperas ao pôr-do-sol [cerca de 18 horas], e Completas de noite" (FAY-SALLOIS, 2005, p. 121, tradução nossa).

Ao Livro de Horas era imposta uma estrutura de conteúdo mais ou menos padronizada, de textos essenciais e textos opcionais, "[...] geralmente em Latim, embora algumas das preces especiais [opcionais] possam [...] apresentar-se na língua cotidiana" do orante (BACKHOUSE, 2004, p. 6, tradução nossa).

Os textos essenciais, de ocorrência obrigatória, são: um calendário, as Lições do Evangelho, duas das orações dedicadas à Virgem (*Obsecro te* e *O intemerata*), as Horas da Virgem ou Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria, as Horas da Cruz e do Espírito Santo, os Salmos Penitenciais e a Litania dos Santos, o Ofício dos Mortos e os Sufrágios. Já os textos opcionais variavam bastante, incluindo: orações especiais para os santos de devoção do orante ou preces adicionais para a Virgem Maria (BACKHOUSE, 2004; BERGE, 1945; BROWN, 1994; FAY-SALLOIS, 2005; PLUMMER, 2002; TOLLEY, 1993; WIECK, 2001, 2004).

A variação nos textos opcionais ocorre porque o Livro de Horas é personalizado, destinado "[...] a um único leitor, absorto tanto nas palavras das orações, repetidas mês após mês, ano após ano, como nas sempre surpreendentes ilustrações" (MANGUEL, 2006, p. 154-155). Os textos opcionais expressam "[...] os costumes locais, os interesses do cliente, e as práticas dos diferentes *scriptoria*" (PLUMMER, 2002, p. 3, tradução nossa). Vale apontar que as variações atingiram alguns dos textos essenciais – como o calendário, que apresenta os santos de devoção local, permitindo a identificação da região geográfica de uso do Livro de Horas, em sua época de produção (BROWN, 1994, p. 123-124).

Assim como os textos, as imagens incluídas em diferentes Livros de Horas apresentam diferenças – "[...] as ilustrações adornando as páginas podem variar imensamente em qualidade e riqueza" (BOOKS..., 1996, p. [4], tradução nossa), ou em seu caráter informativo; por exemplo, quando alguns desses livros apresentam brasões de família ou o retrato do orante inserido em cenas específicas e meritórias, tais como, postado de joelhos, diante da Virgem Maria (BROWN, 1994; MANGUEL, 2006; WIECK, 2001, 2004).

> Essas imagens tinham duas funções principais. Pelo lado prático, elas indicavam onde os textos principais começavam; eram marcadores (Livros de Horas, manuscritos ou impressos, originalmente não eram foliados ou paginados). Em segundo lugar, enquanto marcavam a localização de certos textos, elas também os incorporavam. Elas forneciam temas sobre os quais meditar; eram 'orações pintadas' (WIECK, 2004, p. 22, tradução nossa).

3.2 A continente dos Livros de Horas manuscritos

Quando Roger S. Wieck (2001, p. 27) ponderou que “um Livro de Horas é uma ‘Notre Dame’ que pode ser segurada nas mãos”, “uma elaborada catedral gótica de orações e imagens” (tradução nossa), referia-se ao aspecto monumental do livro.

A monumentalidade do Livro de Horas “era definida pela riqueza dos materiais utilizados em sua fabricação; pelo uso raro e múltiplo de cores nas miniaturas e iluminuras[2], finalizadas em ouro e prata; e pelas seqüências textuais crisografadas[3] – detalhes que lhe conferiam valor astronômico”[*] (Informação verbal).

Para os leigos da Idade Média, “a propriedade de um Livro de Horas sugeria status e uma condição respeitável” (BOOKS..., 1996, p. [7-8], tradução nossa). O bibliófilo Jean, Duque de Berry e irmão do Rei Charles V da França, é um exemplo dessa circunstância – possuía, pelo menos, meia dúzia de Livros de Horas manuscritos (BOOKS..., 1996; TOLLEY, 1993; WIECK, 2001, 2004).

“No início do século XV, os ricos e poderosos tinham Livros de Horas manuscritos que, à época, era considerado um dos veículos primários de expressão artística” (WIECK, 2001, p. 29, tradução nossa).

E a arte presente nos Livros de Horas não é, apenas, decorativa ou complemento do texto; é outro universo de informação.

> [...] não se pode reduzir a imagem a uma representação da realidade sensível, é preciso evitar considerá-la como simples ilustração de um texto, mesmo se a relação entre imagem e texto é uma das características maiores das imagens medievais [...]. Ao contrário, o sentido de uma imagem é dado na sincronia de um espaço que é preciso apreender na sua estrutura, na disposição das figuras sobre sua ‘superfície de inscrição’, nas relações ao mesmo tempo formais e simbólicas que elas mantêm entre si. O fato de que o sentido da imagem deva ser usado sempre além daquilo que ela parece ‘representar’, ‘ilustrar’ ou ‘dizer’ [...] (SCHMITT, 2006, v. 1, p. 595-596).

Cada Livro de Horas manuscrito conta uma história própria que concentra muitas outras: a história do preparo das peles de animais, transformadas em pergaminho e couros de qualidade, para suporte da escrita e encadernação; a dos pigmentos, de síntese complexa

---

[2] Miniatura e iluminura são termos utilizados para designar, genericamente, qualquer tipo de pintura primorosa que se encontra em um manuscrito (RUIZ GARCÍA, 1988, p. 384); mas, a iluminura é, efetivamente, a parte ornamental da decoração, e a miniatura é a ilustração, propriamente dita (LABARRE, 1981, p. 35).

[3] Crisografia: estampagem, decoração e escrita com ouro polido em relevo, provendo efeitos de luz e um aspecto “almofadado”, tridimensional – técnica que não deve ser confundida com os procedimentos ordinários de douração (PINHEIRO, 1998).

[*] Informação verbal fornecida pela professora Ana Virginia Pinheiro, em 02 jan. 2008.

que resultava em quatro cores principais, vivas e extraordinárias (vermelho-sangue, amarelo-ouro, azul-rei e verde-gaio); a da escrita, relevando tanto o aspecto paleográfico quanto o desenho das letras (cf BERWANGER; LEAL, 1995); a dos muitos artistas envolvidos em sua manufatura (pergaminheiros, copistas, desenhistas, ilustradores, miniaturistas); a do primeiro dono, para o qual o Livro de Horas foi feito, e a de cada dono que o sucedeu – a partir das marcas extrínsecas de propriedade (*ex libris*, *ex donos*, *super libris*, carimbos secos e molhados)[4] e de leitura (anotações e sinalizações marginais e interlineares). Estas e outras histórias contam a História do Livro de Horas, documentam sua trajetória, *iter* ou fortuna[*] (Informação verbal).

> O grande itinerário percorrido por um exemplar, desde que se decidiu por sua confecção até chegar a nossas mãos, constitui um capítulo cheio de ensinamentos de natureza diversa. Os estudiosos italianos batizaram este processo, acertadamente, com o nome de "fortuna" dos manuscritos, palavra que reflete com precisão o acontecer histórico de um códice, tanto em seu aspecto material como em seu conteúdo (RUIZ GARCIA, 1988, p. 257, tradução nossa).

Nesse contexto, a análise codicológica de um Livro de Horas manuscrito original exige indispensável trabalho em equipe.

A contribuição do bibliotecário, para o desvendamento da materialidade de um Livro de Horas manuscrito, implica o domínio de um corpo teórico alicerçado, necessariamente, nas disciplinas consagradas à história da produção dos registros do conhecimento.

---

[4] As marcas extrínsecas de propriedade, inseridas no livro ao longo de sua trajetória, são: o *ex libris* – marca ou indicação pessoal, avulsa, como uma etiqueta, fixada dentro do livro, comumente na contraguarda; o *ex dono* – assinatura, dedicatória ou outra inscrição manuscrita que identifica o dono; o *super libris* – marca sobreposta por gravação na capa do livro encadernado (PINHEIRO, 2007b, f. 21, 95); o carimbo seco ou selo branco, sem cor, prensado em relevo, comumente, na folha de rosto; e o carimbo molhado, que utiliza tinta para dar legibilidade à marca (PINHEIRO, 2007a, f. 88).

[*] Informação verbal fornecida pela professora Ana Virginia Pinheiro, em 04 jan. 2008.

4 A PRODUÇÃO DOS LIVROS DE HORAS MANUSCRITOS

A produção de um Livro de Horas manuscrito envolvia um processo relativamente complexo, que exigia a participação de profissionais com diferentes habilidades e consistia de atividades minuciosas como, por exemplo, o preparo do pergaminho e das tintas que seriam utilizados na manufatura.

Entre a encomenda de um Livro de Horas e o momento em que este chegava às mãos do orante, havia muitas etapas interdependentes, que se formalizavam desde o planejamento do livro.

Embora os Livros de Horas tivessem estruturas textual e imagética relativamente fixas, o resultado final documentava a influência de diversas variáveis, como: a verba destinada à produção do manuscrito, a qualidade do pergaminho utilizado como suporte, a textura e viscosidade das tintas empregadas, a habilidade dos profissionais contratados para implementar o projeto, a distribuição do texto e imagens nas páginas, o tamanho das margens.

4.1 Os *scriptoria* e oficinas medievais

A confecção e a decoração de manuscritos, a partir do século XII, passou progressivamente dos monastérios às mãos laicas (LABARRE, 1981, p. 31-34).

> Aproximadamente até o ano 1100, a maioria dos manuscritos era copiada por monges para uso em bibliotecas monásticas. O aumento do número de novos textos levou os monastérios a empregar escribas seculares na produção de livros para manter suas bibliotecas atualizadas. A expansão das universidades no século XII resultou no aumento da produção de livros e por volta do ano 1200, oficinas seculares copiavam e decoravam manuscritos para vender aos leigos (CHERRY, 1993, p. 16, tradução nossa).

Os Livros de Horas manuscritos foram produzidos pelos *scriptoria* (plural, em latim, para *scriptorium*) e por oficinas, regularmente, ao longo de toda a Idade Média (WIECK, 2001, 2004).

O *scriptorium* é um “local de um estabelecimento eclesiástico onde se executa o trabalho de cópia de livros” (MUZERELLE, 2002), o lugar onde o livro é “escrito”, no sentido de copiado.

A “oficina”, segundo Michelle P. Brown (1994, p. 125-126, tradução nossa), é o

> [...] estúdio em que alguns artistas trabalham juntos, geralmente sob a supervisão de um mestre, de forma fixa ou prestando serviços pontuais. O termo também se refere a um grupo de artistas que trabalham juntos e algumas vezes é utilizado neste sentido para denotar o equivalente secular do *scriptorium* monástico [...]

A diferença fundamental entre os *scriptoria* e as oficinas reside no fato de que os primeiros estão ligados aos monastérios e igrejas enquanto as oficinas são estabelecimentos seculares. Em ambos os casos, as técnicas utilizadas na produção dos livros eram semelhantes (DE HAMEL, 2002, p. 7).

4.2 O pergaminho como suporte do registro do conhecimento

Os Livros de Horas manuscritos produzidos até o século XV, assim como outros manuscritos medievais, eram escritos sobre pergaminho.

> O termo [pergaminho] é com freqüência utilizado de forma genérica para designar pele animal preparada para receber escrita, embora seja mais adequadamente aplicado somente para pele de ovelha e cabra, com o termo velino reservado para pele de novilho (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa).

Em princípio, o termo “deriva de Pérgamo (Bergama na Turquia moderna), um antigo centro produtor” (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa), que o adotara o pergaminho como suporte para escrita desde o século II a.C., quando introduziu-se um novo método de limpá-lo, esticá-lo e raspá-lo que tornou possível a utilização dos dois lados de uma folha (KATZENSTEIN, 1986, p. 179).

Um pergaminho de qualidade superior podia ser obtido a partir do velino uterino – a pele de novilhos natimortos ou muito novos, caracterizada pelo seu tamanho diminuto e aparência particularmente fina e branca (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa).

No século IV, o pergaminho “suplantou o papiro como o suporte de escrita mais popular” (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa).

A produção de pergaminho para escrita podia ser feita a partir da pele de diversos animais – cabra, cabrito, ovelha, carneiro, vaca, camelo, asno, antílope, gamo, alguns peixes oleosos e focas (MARTÍNEZ DE SOUSA, MOTTA, KATZENSTEIN apud PINHEIRO, 1998, p. 25).

A identificação do animal que forneceu a pele, entretanto, nem sempre é possível; “mesmo o profundo conhecimento de peles ou o apuro do olho, não permitem identificar com segurança – exceto em casos excepcionais e evidentes – o animal de origem” (PINHEIRO, 1998, p. 25).

O “longo e complicado processo que resultava num produto extraordinariamente durável” (CHERRY, 1993, p. 16, tradução nossa), que implicava em “transformar a pele animal em um material limpo e branco adequado para escrever manuscritos medievais era tarefa do *percamenarius*, o ‘fabricante de pergaminho’ ou ‘pergaminheiro’ (DE HAMEL, 2002, p. 8, tradução nossa, grifos do autor).

Antes de iniciar o preparo da pele para escrita, o pergaminheiro precisava selecionar a pele do animal – esse momento era considerado crucial por manuais de antigos artesãos (DE HAMEL, 2002, p. 8). Úrsula E. Katzenstein (1986, p. 182-185) descreve com detalhes oito fases de preparação do pergaminho; de onde foram destacadas as três fases consideradas principais.

Primeiramente, as peles são descarnadas; submetidas a algumas lavagens em água corrente e banhos de cal; e os pêlos, removidos com uma faca luniforme **(Figura 2)**, enquanto a pele estiver úmida (ALVES apud PINHEIRO, 1998; BROWN, 1994; DE HAMEL, 2002).

Figura 2: Preparo do pergaminho – faca luniforme em uso
Fonte: De Hamel (2002, p. 12).

Na segunda fase, a pele é esticada numa moldura **(Figura 3)** para secar e suas faces são aplainadas com a faca luniforme, para a retirada de todas as asperezas (ALVES apud PINHEIRO, 1998; BROWN, 1994; DE HAMEL, 2002; KATZENSTEIN, 1986).

Figura 3: Preparo de pergaminho – pele é esticada numa moldura
Fonte: De Hamel (2002, p. 11).

Na terceira e última fase, a pele pode ser alisada com pedra-pomes, polida e tratada com um pó calcário branco para branqueá-la (ALVES apud PINHEIRO, 1998; BROWN, 1994; KATZENSTEIN, 1986).

Ressaltamos que “diferenças na técnica de preparação [do pergaminho] parecem ter ocasionado maior diversidade na aparência do que o tipo de pele utilizada” (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa).

Em alguns casos, o pergaminho era tingido ou pintado de púrpura para posteriormente receber escrita ou iluminação em ouro ou prata. A utilização desse tipo de pergaminho era um símbolo de preciosidade e luxo, aparecendo somente em livros de primeira qualidade (BROWN, 1994, p. 104).

Os Livros de Horas manuscritos sobre pergaminho são compostos por bifólios, ou seja, conjuntos de “folhas dobradas, encartadas umas dentro das outras e eventualmente costuradas através de sua dobra central” (DE HAMEL, 2001, p. 39, tradução nossa).

A escrita era realizada nos dois lados de cada folha de pergaminho, respeitando geralmente o princípio de Gregory, segundo o qual “as duas folhas que se apresentam ao leitor, quando o caderno está aberto, mostram o mesmo lado do pergaminho (pêlo-pêlo ou carne-carne)” (RUIZ GARCIA, 1988, p. 386, tradução nossa). É interessante notar que a forma de arranjo escolhida para organizar as folhas de um caderno pode servir “[...] como elemento de identificação da procedência, os gregos preferiam iniciar o códice pela face lisa (o lado da carne), enquanto que os romanos se inclinavam pela escura (o lado do pêlo)” (PINHEIRO, 2003, p. 21).

No século XVI, o pergaminho foi substituído pelo papel como suporte material de escrita mais popular, “mas continuou em uso para certos livros de primeira qualidade” (BROWN, 1994, p. 95, tradução nossa).

4.3 Os materiais de escrita: tintas e penas

Os artistas responsáveis pela produção de Livros de Horas manuscritos costumavam fazer uso intenso de cores em suas páginas. Mas não é somente nas iluminuras e miniaturas que identificamos a ocorrência de cores diversas, é interessante notar que “quase todo livro medieval, por mais modesto, inclui texto em mais de uma cor” (DE HAMEL, 2001, p. 13, tradução nossa).

As tintas utilizadas durante a Idade Média eram “[...] mais espessas e viscosas que a tinta comercial moderna e há numerosas receitas medievais para sua manufatura” (DE HAMEL, 2002, p. 27, tradução nossa). Mas, independente de seu modo específico de obtenção, as tintas eram constituídas basicamente de uma substância aglutinante e outra corante que podiam ser “extraídas de vegetais (tanino e outros corantes), animais (moluscos ou mistura de gordura com fuligem e vinagre) e minerais (misturas químicas com o sulfato de ferro e noz de galha, por exemplo)” (BERWANGER; LEAL, 1995, p. 60).

A tinta preta era a mais utilizada para escrita – “desde que se aprumou e escreveu, o homem elegeu o preto como a primeira cor no desenho do livro” (PINHEIRO, 2007). E, segundo Michelle P. Brown (1994, p. 73, tradução nossa), a base dessa tinta medieval, em

tom preto, “era uma solução de galha (de noz de galha) e goma, colorizada pela adição de carvão (negro-de-fumo) e/ou sais de ferro”.

> O tom preto mais comum nos *scriptoria* medievais era o negro-de-fumo, tinta pastosa feita de fuligem ou carbono misturado com goma (bistre), associado às vezes a bílis de boi fermentada. A pasta se solidificava, devendo ser diluída para uso, oferecendo uma tinta que não oxidava, não reduzia, mas também não era absorvida profundamente e, por isto, não era permanente, embora permitisse um texto nítido e limpo. Havia outro preto, de uso regular no século XIII, que variava do preto-marrom ao preto escuro, quando em contato com o ar; era mais fina que a tinta de carbono e, por isso, foi muito utilizada na produção de manuscritos até o século XVI, popularizando-se pelo uso quotidiano até o século XIX. Essa tinta ácida e metálica resultava da combinação de vidro moído, para dar brilho, noz de galha (tanino), vitríolo (sulfato de cobre ou ferro) e goma, em volume que dosava a viscosidade. Era tinta com qualidade de fixação e legibilidade, embora apresentasse, com o passar dos anos, sinais de corrosão típica como o efeito “ferrugem”, que perfurava o papel (PINHEIRO, 2008).

A segunda cor mais utilizada para escrita nos manuscritos medievais era o vermelho (DE HAMEL, 2002, p. 33), que podia ser obtido a partir do mínio, o óxido vermelho de chumbo (PINHEIRO, 2008), do “[...] cinabre [sulfeto de mercúrio] ou de plantas como o pau-brasil e a garança” (CHERRY, 1993, p. 102, tradução nossa). O vermelho era utilizado para escrever títulos, letras iniciais, dias especiais dos calendários, entre outros textos que precisassem ganhar destaque.

O dourado e o prateado também eram utilizados para destacar textos importantes e tornar mais luxuosas a decoração e a ilustração do manuscrito. A escrita em ouro é conhecida como crisografia (BROWN, 1994, p. 40), nomenclatura que, para alguns, engloba também a escrita em prata (BERWANGER; LEAL, 1995, p. 60).

O preto e o vermelho eram as cores mais utilizadas para escrita nos manuscritos medievais, embora diversas opções de cores estivessem disponíveis. Entretanto, as outras cores apareciam com mais freqüência nas iluminuras e miniaturas que nos textos.

A utilização de cores nos livros manuscritos medievais “ultrapassa funções de caráter científico ou estético e alcança um sentido simbólico” (PINHEIRO, 2008). Cada cor aplicada nas iluminuras e miniaturas de um Livro de Horas possuía simbologia própria; o azul, por exemplo, “designava poder divino e real” (PINHEIRO, 2008).

As tintas eram utilizadas tanto para escrita do texto quanto para a elaboração das miniaturas e iluminuras, que ornamentam os Livros de Horas manuscritos, através pincéis ou penas de ave (**Figura 4**) preparadas à guisa de caneta e embebidas em tinta.

Figura 4: Penas de ave preparadas para aplicação de tinta
Fonte: Beckett (2 ago. 2006).

A preparação dessas penas de ave para utilização como canetas era aparentemente de conhecimento comum em toda a Idade Média (DE HAMEL, 2002, p. 27). Com o uso, a ponta da pena ficava desgastada e precisava ser apontada, levando copistas a deixarem certa quantidade de penas (relatos mencionam de sessenta a cem unidades) preparadas e apontadas com antecedência (DE HAMEL, 2002, p. 29).

Como as penas eram freqüentemente mergulhadas em tinta para serem utilizadas, o escriba ou artista medieval costumava manter vários recipientes com tinta (potes ou chifres) próximos à sua mesa de trabalho (DE HAMEL, 2002, p. 29, 32).

4.4 O processo de produção

As imagens utilizadas nos Livros de Horas fornecem pistas sobre o trabalho dos artistas envolvidos, já que cenas de trabalho eram muitas vezes representadas nos próprios livros (**Figura 5**). Algumas miniaturas mostram, por exemplo, os evangelistas como escribas, retratados com detalhes que oferecem desde uma visão das ferramentas que eram utilizadas ao modo como o trabalho era realizado.

Figura 5: Escriba copia um manuscrito em seu ambiente de trabalho
Fonte: De Hamel (2002, p. 36).

O planejamento de um Livro de Horas era iniciado no momento em que o interessado fazia a encomenda ao responsável pelo *scriptorium* ou oficina escolhido. A partir daí, eram negociadas as características do livro, como seu formato, o tipo de pergaminho a ser utilizado, a quantidade e qualidade das imagens, e o estilo das letras e iluminuras (DE HAMEL, 2001, 2002).

Assim que a negociação era concluída, o responsável pelo *scriptorium* ou oficina fazia a distribuição de tarefas entre os profissionais adequados (DE HAMEL, 2001). Dependendo do caso, "a execução de um manuscrito podia ser obra de um só copista ou resultava de trabalho coletivo" (LABARRE, 1981, p. 25).

Antes de iniciar a cópia do livro, o escriba realizava algumas operações que tinham por objetivo delimitar e facilitar a distribuição do texto e das imagens nas folhas de pergaminho (BROWN, 1994, p. 102, 111; DE HAMEL, 2001, p. 41-47; DE HAMEL, 2002, p. 20-26; LABARRE, 1981, p. 25; MARTINS, 1998, p. 100; PINHEIRO, 1995, p. 197, 202; RUIZ GARCIA, 1988, p. 133).

“A primeira de todas as tarefas ao preparar uma página em branco para um manuscrito era traçar um retângulo na página para definir o formato da área que seria escrita [...]” (DE HAMEL, 2001, p. 41, tradução nossa).

A etapa seguinte era a perfuração: com um instrumento pontudo ou uma faca, eram feitas marcações no pergaminho que serviriam para guiar a pautação do manuscrito (BROWN, 1994, p. 102). Usualmente, as perfurações desapareciam com o corte das margens laterais, durante a fase de encadernação (DE HAMEL, 2002, p. 25; PINHEIRO, 1998).

A pautação, também conhecida pelo nome de raiado, é o traçado de linhas que servem de guia para a escrita (BROWN, 1994; PINHEIRO, 1995). “O raiado pode realizar-se com ponta-seca ou mediante a utilização de substância cromática” (PINHEIRO, 1995, p. 202). Entretanto, a pautação era utilizada não somente para guiar a escrita do texto, mas também para estabelecer medidas para iluminuras, miniaturas e iniciais decoradas, ou seja, durante a negociação da encomenda era definido, por exemplo, que as iniciais decoradas teriam três linhas de altura (DE HAMEL, 2001, p. 44-45; **Figura 6**).

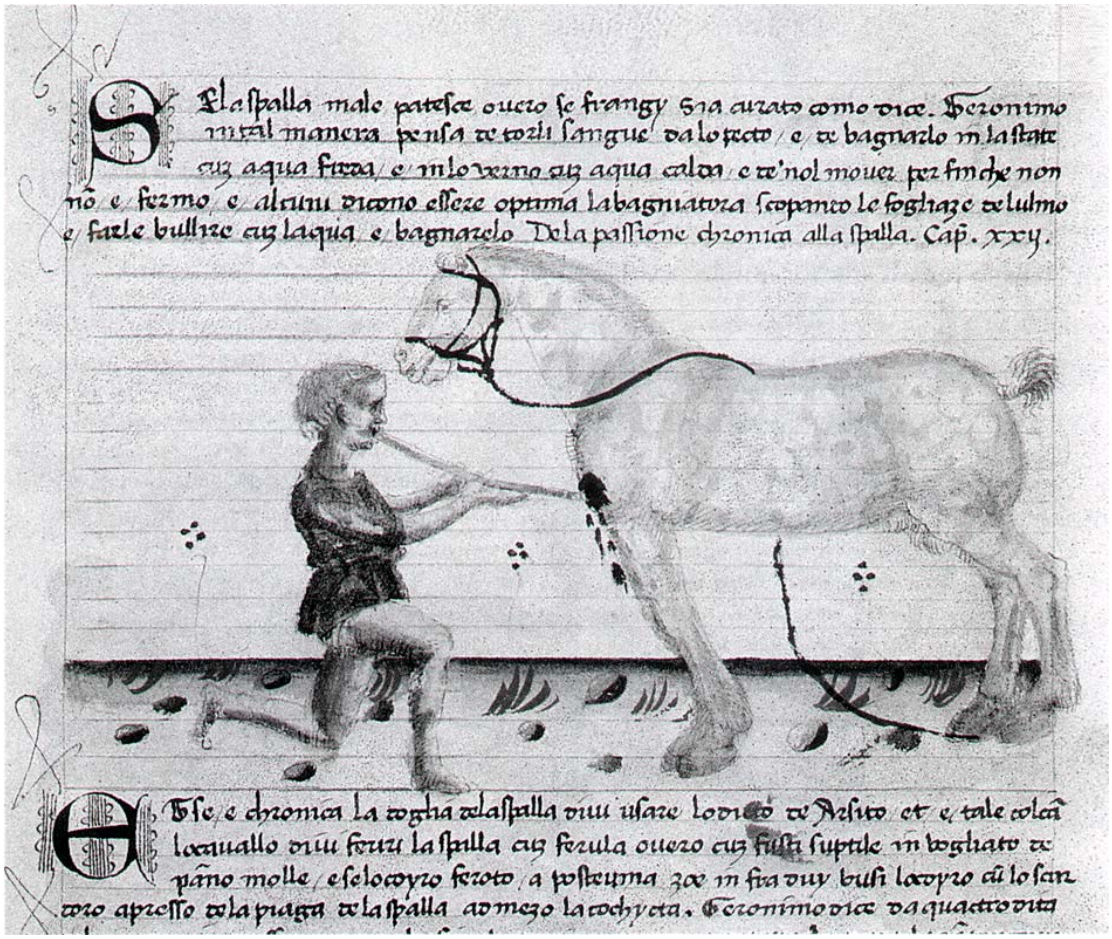

Figura 6: Pautação em manuscrito inacabado
Fonte: De Hamel (2001, p. 44).

Salientamos que existem diferentes estilos de perfuração e pautação e que a existência dessas variações pode ajudar a determinar a data e a proveniência de um manuscrito (DE HAMEL, 2001; RUIZ GARCIA, 1988).

Ao término dessas operações, o escriba podia iniciar a cópia do manuscrito; e, neste momento, é importante lembrar que "não se escrevia sobre volumes encadernados, mas sobre cadernos separados, que se reuniam no fim do trabalho" (LABARRE, 1981, p. 24-25).

Como as imagens eram acrescentadas depois do texto copiado, o escriba precisava deixar vago o espaço destinado a essas imagens (**Figura 7**) e por vezes fazia indicações ou rascunhos das imagens que deveriam ocupar os espaços vazios (DE HAMEL, 2002; PINHEIRO, 1998).

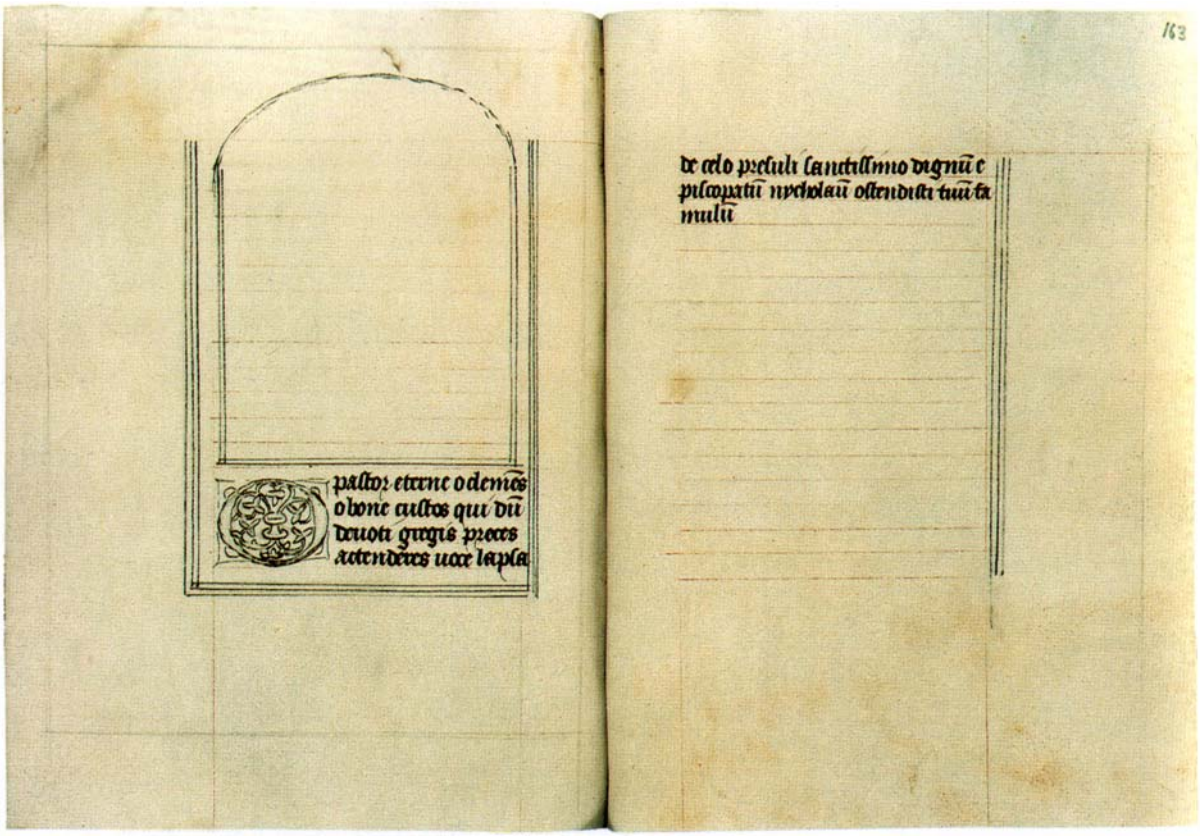

Figura 7: Manuscrito com texto copiado e espaço vago para as imagens
Fonte: De Hamel (2002, p. 48).

À medida que o texto era terminado, os cadernos eram entregues ao artista responsável pela elaboração das imagens que até hoje nos fascinam (DE HAMEL, 2002).

> A reputação dos manuscritos medievais vem sobretudo da sua decoração, a ponto de por vezes fazer esquecer os outros aspectos. Realmente estes manuscritos têm uma importância artística capital, porque a pintura da Alta Idade Média quase não subsiste a não ser pela sua ilustração (LABARRE, 1981, p. 27).

Quando as imagens eram finalizadas, o material completo era entregue ao encadernador, responsável por colocar em ordem os cadernos e reuni-los num volume único, protegido por uma encadernação que fizesse jus ao manuscrito em questão (BROWN, 1994, p. 22; DE HAMEL, 2002).

5 ESTRUTURA TEXTUAL E IMAGÉTICA DO LIVRO DE HORAS

O texto nos Livros de Horas pode variar; no entanto, alguns segmentos constituem partes essenciais, porque identificam o Livros de Horas como tal. Esses segmentos ou divisões textuais apresentam-se na seguinte ordem-padrão:

- Calendário;
- Lições do Evangelho;
- Orações para a Virgem: *Obsecro te* e *O intemerata*;
- Horas da Virgem;
- Horas da Cruz e Horas do Espírito Santo;
- Salmos Penitenciais e Litania dos Santos;
- Ofício dos Mortos; e
- Sufrágios.

Nos Livros de Horas manuscritos e iluminados, a cada uma dessas divisões textuais principais é associada uma imagem ou conjunto de imagens (**Quadro 1**). Segundo Roger S. Wieck (2001, p. 28, tradução nossa), essas imagens "[...] funcionavam como marcadores, ofereciam um banquete para os olhos e auxiliavam na meditação".

As divisões textuais essenciais de um Livro de Horas, além de imagens associadas, oferecem características específicas que as distinguem entre si. Essas características, simples ou extremamente detalhadas, objetivas ou repletas de informações sublineares, constituem os elementos que são o objeto de estudo da Codicologia.

Texto			**Imagens associadas**
CALENDÁRIO			Trabalho dos meses Signos do zodíaco
LIÇÕES DO EVANGELHO			João Lucas Mateus Marcos
ORAÇÕES PARA A VIRGEM		*Obsecro Te*	Virgem e o Menino
		O Intemerata	Lamentação Pietà
HORAS DA VIRGEM	CICLO DA INFÂNCIA	Matinas	Anunciação
		Laudes	Visitação
		Prima	Natividade
		Terça	Anunciação aos pastores
		Sexta	Adoração dos Magos
		Nona	Apresentação no templo
HORAS DA VIRGEM		Vésperas	Fuga para o Egito Massacre dos Inocentes
		Completas	Coroação da Virgem Fuga para o Egito Massacre dos Inocentes
	CICLO DA PAIXÃO	Matinas	Agonia no Getsêmani
		Laudes	Traição de Judas
		Prima	Cristo diante de Pilatos
		Terça	Flagelação
		Sexta	Cristo carregando a cruz
		Nona	Crucificação
		Vésperas	Deposição
		Completas	Sepultamento
HORAS DA CRUZ			Crucificação
HORAS DO ESPÍRITO SANTO			Pentecostes
SALMOS PENITENCIAIS			Davi em penitência Davi e Betsabá Cristo Rei Juízo Final
LITANIA DOS SANTOS			Santos e seus atributos Temas similares aos dos Salmos Penitenciais
OFÍCIO DOS MORTOS			Rezando o Ofício dos Mortos Enterro Juízo Final Lições de Jó Ressurreição de Lázaro Dives e Lázaro (Parábola do rico e do mendigo) Personificação da Morte Três mortos e três vivos (lenda da literatura francesa do século XIII)
SUFRÁGIOS			Trindade Imagens relacionadas aos santos

Quadro 1: Livros de Horas manuscritos – textos e imagens associadas
Fonte: Wieck (2001, 2004).

5.1 Calendário

O calendário é um “sistema elaborado pelos homens para recensear, de modo racional, os dias, as semanas, os meses e os anos, de acordo com os principais fenômenos astronômicos, principalmente, os relacionados com a posição do Sol e, eventualmente, a da Lua” (CALENDÁRIO, 1972-1973, p. 1212).

O primeiro elemento de um Livro de Horas manuscrito, com raríssimas exceções, é o calendário. O calendário praticado era o romano antigo ou Juliano (**Figura 8**), estabelecido por Júlio César, no ano 46 A.C. e que esteve em vigor até o advento do calendário gregoriano[5], em 1582.

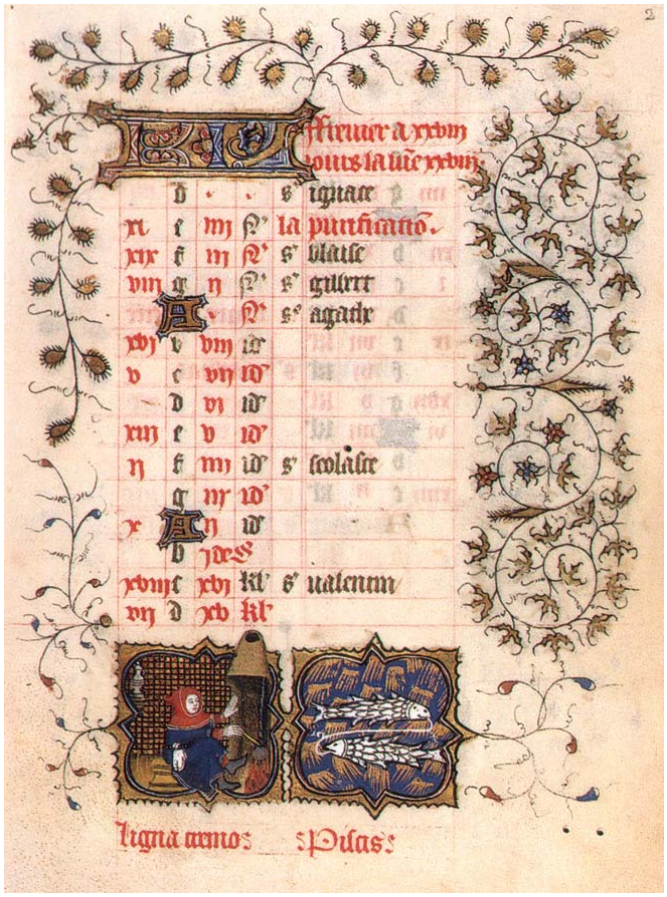

Figura 8: O calendário Juliano no Livro de Horas manuscrito (representado na terceira e quarta colunas)
Fonte: Wieck (2004, p. 29).

[5] Calendário gregoriano: é o calendário em vigor, estabelecido pelo Papa Gregório XIII em 1582 (foi decidido que o dia seguinte a 04 de outubro de 1582 seria 15 de outubro). Trata-se de um calendário puramente solar, que visa realizar uma média do ano civil tão próxima quanto possível do ano trópico (365,242.2 dias solares médios), fixando as estações. A concordância é obtida por uma combinação de anos ordinários (365 dias) e anos bissextos (um dia suplementar, 29 de fevereiro) (PINHEIRO, 2003, f. 34).

No calendário Juliano, o primeiro dia do mês recebeu o nome de *kalends* (calendas), o que originou a palavra “calendário”.

Os romanos dividiam o mês em três partes: as calendas, os idos e as nonas. As *calendas* caíam no primeiro dia da lua nova: os *idos*, no dia da lua cheia [13 ou 15 nos meses de março, maio, julho e outubro]; as *nonas*, no nono dia antes dos idos (CALENDÁRIO, 1972-1973, p. 1213).

Nos Livros de Horas manuscritos, determinados dias de cada mês eram destacados de acordo com o interesse de uso, dias de festas correspondentes à região e à devoção do orante (BROWN, 1994, p. 30).

> [...] a maioria das festividades [...] eram universais, ou seja, celebradas pela Igreja Católica medieval como um todo, [no entanto, os] calendários incluem também festividades de interesse regional. São essas que ajudam a determinar o *uso* do calendário, isto é, o local onde pretendia-se que o manuscrito fosse utilizado (WIECK, 2004, p. 26, tradução nossa).

No calendário, os dias não eram enumerados; eram nomeados segundo a festividade celebrada em cada data – o dia 25 de dezembro, por exemplo, é o “Natal”; o dia 25 de março é a “Anunciação”, e assim sucessivamente, porque “[...] era o significado religioso, e não sua designação numérica, que dava ao dia seu real sentido” (WIECK, 2001, p. 45, tradução nossa).

Os dias, para os homens da Idade Média, eram uma sucessão de festividades mais ou menos importantes. Essa visão se refletia na aparência dos calendários através do uso de cores distintas, inscrevendo cada dia, segundo a importância da festividade que era celebrada naquela data.

O esquema de cores utilizado variava de acordo com valor financiado pelo orante (patrocinador) e a criatividade do artista. Geralmente, segundo um esquema de gradação simples, os dias menos importantes eram escritos em preto e as festividades mais importantes eram rubricadas, destacadas em vermelho ou azul (**Figura 9**) – prática que ainda hoje vigora nos calendários de toda sorte.

Outros calendários foram elaborados seguindo uma gradação tripla de imposição dos dias, conforme o grau de importância: dourado para os dias mais importantes; vermelho, para os menos solenes; e preto, para os de menor significado.

Vale ressaltar que em alguns manuscritos luxuosamente miniados, os dias eram escritos alternadamente em vermelho e azul (**Figura 10**), e os dias mais importantes, destacados em dourado (WIECK, 2004, p. 26).

O esquema de cores do calendário, independentemente do caráter luxuoso do livro de horas, relevava, sempre, alguma forma de gradação por importância das festividades nas datas.
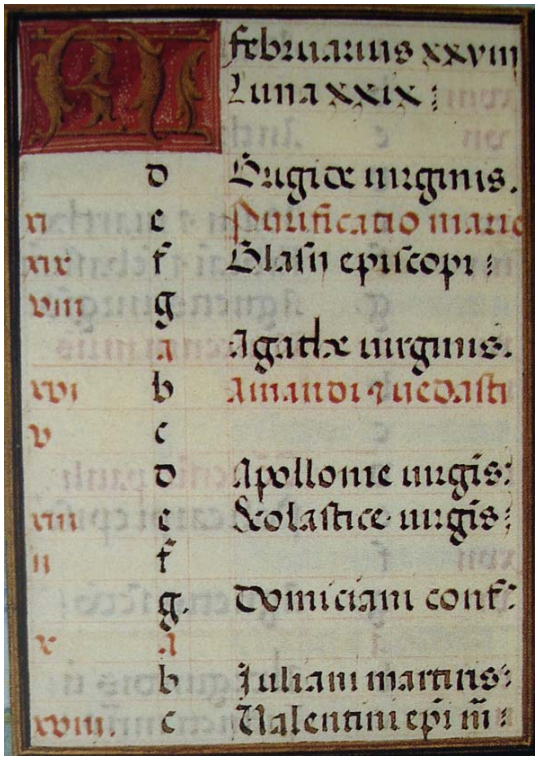
Figura 9: Esquema de gradação simples em detalhe de calendário
Fonte: Books... (1996, p. [27]).

Figura 10: Esquema de gradação luxuosa em detalhe de calendário
Fonte: De Hamel (2001, p. 63).

Quanto ao uso de imagens nos calendários, constatamos que os “calendários na maioria dos Livros de Horas não são ilustrados em absoluto, e aqueles que são ilustrados têm apenas miniaturas pequenas ou de meia página, bordas historiadas, ou vinhetas nas margens” (WIECK, 2001, p. 45, tradução nossa). Com ou sem ocorrência de imagens, os “calendários eram freqüentemente iluminados” (BROWN, 1994, p. 30, tradução nossa), isto é, o texto apresentava efeitos de luz, ocasionados por acabamento em ouro ou prata.

Quando ilustrados, os calendários apresentam imagens que, comumente, retratam o quotidiano de trabalho de um camponês, mês a mês – conjunto conhecido como *trabalho dos meses* (**Quadro 2**; **Figura 11, 12**).

O trabalho dos meses, apesar das naturais diferenças por áreas geográficas, configuradas como variações, é retratado de modo quase padronizado. John Cherry (1993, p. 14, tradução nossa) identificou um padrão de representação do calendário:

> Janeiro é usualmente ilustrado com um homem de duas cabeças [o Deus Jano, porteiro celestial, símbolo dos términos e começos], representando a juventude e a velhice; uma face olha para o passado enquanto a outra olha para o futuro. Em fevereiro, um camponês se aquece diante do fogo de um forno ou lareira, dentro de casa. Esse ou outro camponês é retratado podando suas videiras, em Março. Abril, considerado o mês mais bonito na Idade Média, apresenta-se através de uma jovem coroada de flores, sob a brilhante luz do Sol e cercada pela natureza caprichosa. Maio apresenta uma cena de caça ou, mais especificamente, de caça com falcões. Junho é o mês de capinar ou de arar os campos. Em julho, o camponês corta o milho com sua foice, e a colheita é debulhada em agosto. Setembro é freqüentemente mostrado como o mês em que as uvas são reunidas para a vindima (na França). O semeador representa outubro. Em novembro, o camponês se prepara para o inverno, cortando lenha, e para o banquete de dezembro, engordando os porcos com frutos. Dezembro é tempo de descanso, regozijo e repasto, representado por atividades como o abate de porcos e preparação de bolos.

Estação do ano	**Mês**	**Atividades representadas**	
		Habitual	**Variações**
Inverno	Janeiro	Banquetear	Jano banqueteando Manter-se aquecido
	Fevereiro	Manter-se aquecido	Cortar lenha Podar Preparar o solo Banquetear-se
Primavera	Março	Podar	Preparar o solo
	Abril	Colher flores	Falcoar
	Maio	Falcoar	Andar a cavalo Cortejar Fazer música
Verão	Junho	Ceifar	Tosquiar ovelhas
	Julho	Colher	Ceifar
	Agosto	Debulhar	Colher Joeirar
Outono	Setembro	Pisotear uvas	Colher uvas Semear Arar
	Outubro	Semear	Pisotear uvas Colher uvas Arar Colher bolotas
	Novembro	Colher “bolotas” – frutos utilizados na alimentação dos animais	Abater um porco Abater um boi Assar pães e bolos
Inverno	Dezembro	Abater um porco	Assar pães e bolos Assar porcos

Quadro 2: O trabalho dos meses nos calendários
Fonte: Wieck (2001, p. 48, 50).

Figura 11: Calendário do mês de junho mostra camponeses ceifando
Fonte: Wieck (2004, p. 31).

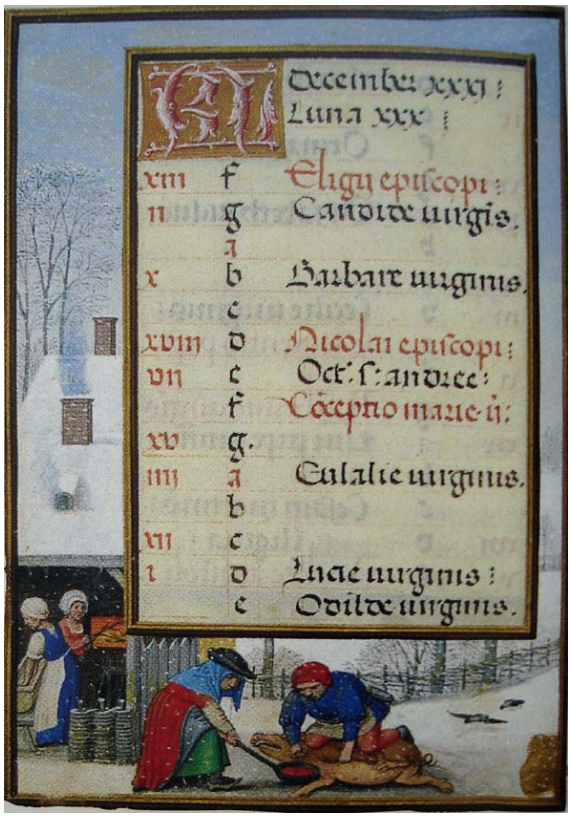

Figura 12: Calendário do mês de dezembro mostra o abate de um porco
Fonte: Books… (1996, p. 52).

A representação do trabalho delineia a passagem do tempo "europeu", onde a primavera ocorre durante os meses de março a maio; o verão, de junho a agosto; o outono, de setembro a novembro; e o inverno, de dezembro a fevereiro – cada um desses meses, vez por outra, era identificado pela imagem de um dos doze signos zodiacais (**Quadro 3**; **Figura 13**).

> Imagens dos trabalhos dos meses começam a aparecer na decoração dos calendários, junto com os signos zodiacais, nos séculos IX e X e tornaram-se cada vez mais elaboradas e importantes durante o final da Idade Média. As cenas eram de caráter essencialmente agrário, mas alguns manuscritos do século XV [...] justapunham essas cenas com a vida da corte (BROWN, 1994, p. 90, tradução nossa).

Mês	**Signo zodiacal**
Janeiro	Aquário, o Carregador de água
Fevereiro	Peixes
Março	Áries, o Carneiro
Abril	Touro
Maio	Gêmeos
Junho	Câncer, o Caranguejo
Julho	Leão
Agosto	Virgem
Setembro	Libra, o Equilíbrio
Outubro	Escorpião
Novembro	Sagitário, o Arqueiro
Dezembro	Capricórnio, o Bode

Quadro 3: Os signos zodiacais no calendário, mês a mês
Fonte: Wieck (2001, p. 46, 48).

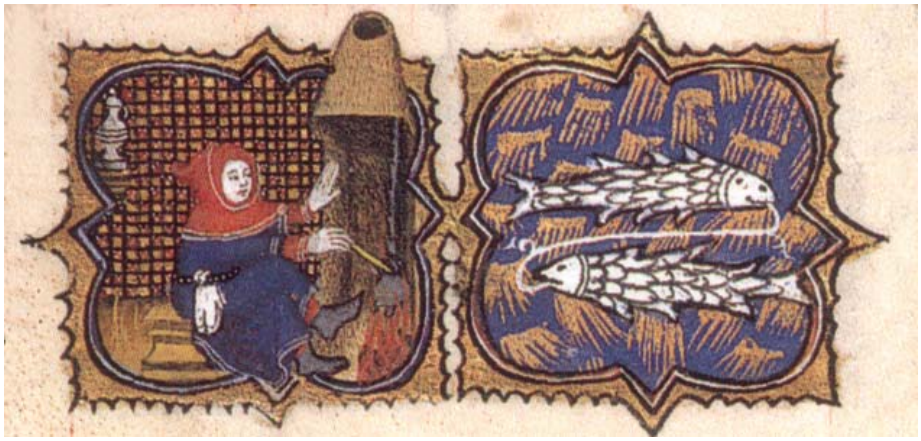

Figura 13: O trabalho dos meses e o zodíaco – detalhe de calendário referente ao mês de fevereiro, mostra o signo zodiacal correspondente (Peixes) e a atividade do mês (manter-se aquecido)
Fonte: Wieck (2004, p. 29).

Os calendários dos Livros de Horas eram perenes e a determinação do calendário exato de cada ano, incluindo as festas móveis, era possível através da utilização dos Números de Ouro e das Letras Dominicais (**Figura 14**). Os Números de Ouro apareciam numa coluna à esquerda e consistiam de uma série numérica, de *i* a *xix*, que indicavam a aparição das luas novas e cheias durante todo o ano. As Letras Dominicais, séries alfabética de *A* até *G* que se repetiam, apareciam em outra coluna – geralmente ao lado dos Números de Ouro, e ajudavam a definir os domingos e conseqüentemente os outros dias da semana (WIECK, 2001, 2004).
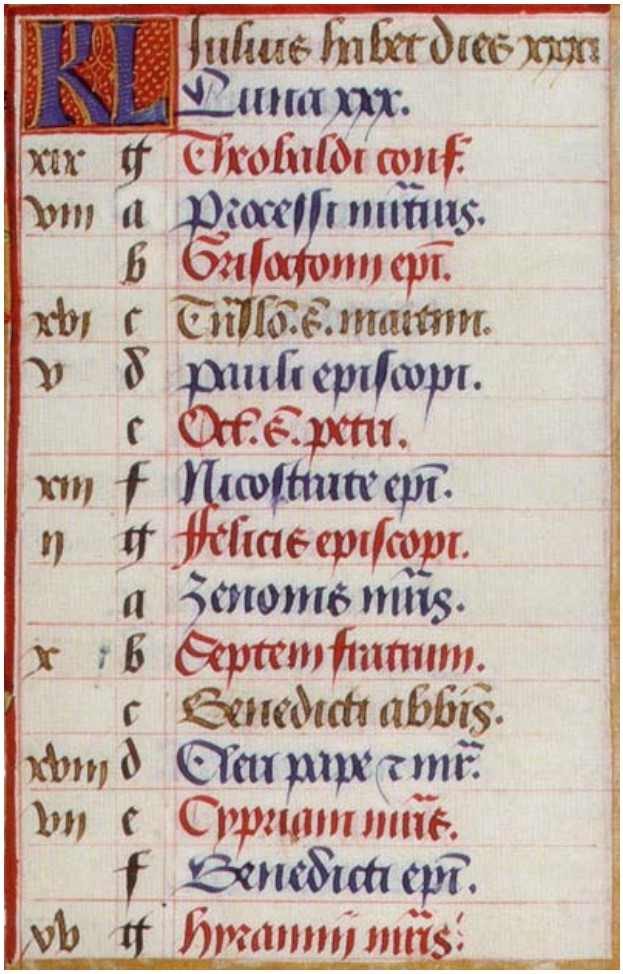
Figura 14: Números de Ouro (1ª coluna) e Letras Dominicais (2ª coluna) em detalhe de calendário
Fonte: Fay-Sallois (2005, p. [17]).

Esta estrutura de arranjo do calendário no Livro de Horas era, algumas vezes, associada a outros símbolos, que escapavam do significado religioso, assumindo sentido folclórico do local de uso – por exemplo: a indicação dos dias de má sorte (*dies mali*), sinalizados geralmente pela letra “D” (WIECK, 2001, p. 45).

5.2 Lições do Evangelho

As Lições do Evangelho sucedem o calendário nos Livros de Horas. O texto inclui passagens dos quatro Evangelhos – relatórios da vida e ensinamentos de Jesus, feitos pelos evangelistas, que compõem o Novo Testamento da Bíblia (FAY-SALLOIS, 2005, p. 22). Essas passagens são apresentadas em ordem cronológica de narrativa e correspondem aos textos lidos durante as festividades mais importantes da Igreja, aparecendo na seguinte ordem: o Natal (Evangelho de João), a Festa da Anunciação (Evangelho de Lucas), a Epifania ou Dia de Reis (Evangelho de Mateus), e a Festa da Ascensão (Evangelho de Marcos) (WIECK, 2001, 2004).

Nem sempre as Lições do Evangelho constavam dos Livros de Horas; apenas no século XV essas Lições constituíram elemento essencial (WIECK, 2004, p. 39).

Cada passagem é ilustrada com o retrato do evangelista específico, com os atributos para sua identificação ou em episódios de sua história. Os quatro retratos eram, eventualmente, substituídos por uma imagem, apenas, que associava os quatro evangelistas (**Figura 15**), antecedendo o conjunto das Lições (WIECK, 2001, 2004).

Figura 15: Imagem de abertura das Lições do Evangelho, mostrando os quatro evangelistas
Fonte: Wieck (2004, p. 49).

Os evangelistas eram usualmente representados como escribas e identificados por seus atributos (BROWN, 1994, p. 54). Em alguns casos, “os retratos dos evangelistas eram omitidos e substituídos pelos atributos, para identificar seus textos” (WIECK, 2001, p. 55, tradução nossa).

João, apóstolo e evangelista, comemorado em 27 de dezembro, “é quase sempre retratado em Patmos, a ilha para a qual ele foi banido pelo imperador romano Domiciano e onde, diz a tradição, escreveu o Apocalipse” (WIECK, 2001, p. 55, tradução nossa; **Figura 16**) – seu atributo na iconografia cristã é a águia; mas, em outra representação, João pode aparecer segurando uma taça que, “segundo a lenda ter-lhe-ia sido oferecida com veneno pelo sacerdote pagão Aristodemo em Éfeso” (LODI, 2001, p. 623)

Figura 16: S. João retratado em Patmos, acompanhado de uma águia, escrevendo o Apocalipse
Fonte: De Hamel (2002, p. 31).

Lucas evangelista é comemorado em 18 de outubro e seu atributo na iconografia cristã é o touro; é, comumente, representado como um escriba que pinta uma imagem da Virgem Maria (WIECK, 2004, p. 39; **Figura 17**) – por isto é considerado, além de padroeiro dos médicos, padroeiro dos pintores; segundo a lenda, "teria pintado a imagem (ícone) de Maria" e seria "o evangelista que traçou melhor a fisionomia dela" (LODI, 2001, p. 468-469).

Figura 17: S. Lucas, acompanhado de um touro, pinta a Virgem Maria
Fonte: Wieck (2001, p. 77).

Mateus, apóstolo e evangelista, é comemorado em 21 de setembro (para os bizantinos e sírios, em 16 de novembro; e para os coptas, em 9 de outubro); na iconografia cristã é representado como um escriba e seu atributo é um homem ou um anjo (**Figura 18**), pode aparecer, também como um homem alado (LODI, 2001, p. 393-394).

Figura 18: S. Mateus é retratado na companhia de um anjo
Fonte: Wieck (2004, p. 46).

Marcos evangelista é comemorado em 25 de abril e também é representado como um escriba, na iconografia cristã; seu atributo é um leão (LODI, 2001, p. 142; WIECK, 2004, p. 39; **Figura 19**).

Figura 19: S. Marcos, retratado como um escriba e acompanhado de um leão
Fonte: De Hamel (2002, p. 28).

5.3 Orações para a Virgem: *Obsecro Te* e *O Intemerata*

As orações *Obsecro te* e *O intemerata* – nomeadas a partir dos respectivos *incipit* – são endereçadas à Virgem Maria e eram as mais populares dentre as orações opcionais solicitadas pelos proprietários de Livros de Horas manuscritos (WIECK, 2001, 2004).

Ao contrário dos outros textos que integravam os Livros de Horas, esses dois textos não tinham localização fixa; mas são freqüentemente encontrados logo após as Lições do Evangelho, precedendo as Horas da Virgem (WIECK, 2001, p. 94).

> Escritas na primeira pessoa do singular, essas orações são endereçadas diretamente à Virgem num tom especialmente lastimoso e urgente. Elas estão entre as preces mais comoventes de todas as que ocorrem nos Livros de Horas e condensam a essência da espiritualidade do medievo tardio, especialmente por se relacionarem ao culto da Virgem e seu papel na salvação pessoal (WIECK, 2004, p. 86, tradução nossa)

Como a intenção dessas orações era pedir a proteção da Virgem e buscar sua ajuda como intercessora junto a Deus, a Virgem Maria, "[...] usualmente com seu Filho, é o tema tradicional das miniaturas que acompanham essas duas preces, pintadas para inspirar os apelos" (WIECK, 2001, p. 94, tradução nossa).

5.3.1 Obsecro te

Obsecro te é "a mais importante prece para a Virgem num Livro de Horas" (FAY-SALLOIS, 2005, p. 125). A oração inicia com as palavras *Obsecro te, Domina Sancta Maria, Mater Dei...* (Suplico-lhe, Senhora Santa Maria, Mãe de Deus...) e possui quatro seções principais: começa recitando uma lista de qualidades da Virgem para conseguir sua atenção; depois, invoca a ajuda da Virgem e enfatiza seu papel fundamental na Encarnação, lembrando-a das alegrias da maternidade; a terceira seção fala do sofrimento da Virgem e de seu papel na Paixão de Cristo; a última mostra o motivo da prece, solicitando ajuda e proteção e finalizando com o pedido para que a Virgem apareça no momento final da vida, revelando o dia e hora da morte (WIECK, 2001, 2004).

É costume ilustrar a prece com uma miniatura da Virgem com o Menino (Madona), em numerosas variantes, que podem mostrar, por exemplo, a Virgem sentada no chão; ou amamentando seu Filho, esta conhecida como *Virgo Lactans* (WIECK, 2001, p. 94).

A cena desta miniatura era considerada o momento preferido dos proprietários de Livros de Horas para marcar sua presença (WIECK, 2001, p. 94) – um retrato do proprietário era inserido na cena, por exemplo, ajoelhado diante da Virgem (**Figura 20**).

Figura 20: Miniatura da prece *Obsecro te*, retrata a proprietária do Livro de Horas diante da Madona
Fonte: Fay-Sallois (2002, p. 53).

5.3.2 O Intemerata

O Intemerata et in aeternum benedicta... (Ó Imaculada e eternamente abençoada...) são as primeiras palavras da prece francesa do século XII, feita para a Virgem e São João [apóstolo e evangelista], embora pudesse, também, ser dirigida exclusivamente à Virgem. Eventualmente, as duas formas podem ocorrer no mesmo Livro de Horas, uma após a outra (FAY-SALLOIS, 2005, p. 125).

Esta oração é ligeiramente mais curta que o *Obsecro te*, mas possui o mesmo tom de súplica e estrutura similar (WIECK, 2004, p. 87).

O diferencial é que esta prece pode ser endereçada à Virgem Maria e a São João, apóstolo e evangelista, ao mesmo tempo – seu tema principal é a fidelidade desses dois personagens durante a Crucificação (WIECK, 2004, p. 90). Para os fiéis, a presença de ambos aos pés da Cruz, acompanhando Jesus até sua morte, os qualifica como ótimos intercessores junto a Deus e, segundo a lógica medieval, poderiam garantir o perdão divino, em caso de necessidade (WIECK, 2001, 2004).

A cena da Lamentação da Virgem sobre o Cristo Morto e a representação da Pietà, quando a Virgem segura no colo o corpo de Seu Filho morto (**Figura 21**), são as imagens mais comuns nas miniaturas que ilustram *O Intemerata*, embora outras imagens possam ocorrer (WIECK, 2001, 2004).

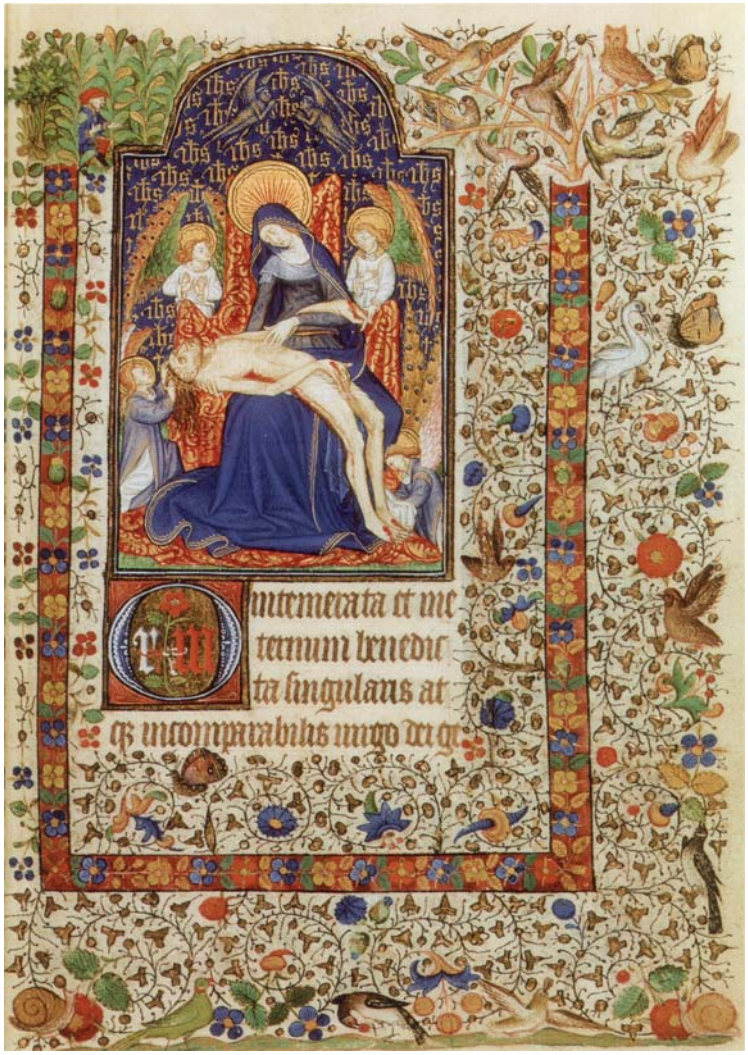

Figura 21: Miniatura da prece *O Intemerata*, representando a Pietà
Fonte: Fay-Sallois (2002, p. 69).

5.4 Horas da Virgem

A série de orações chamada Horas da Virgem ou Pequeno Ofício da Abençoada Virgem Maria aparece logo após as Lições do Evangelho – antecedida ou não pelas orações *Obsecro te* e *O Intemerata* – e compõe o núcleo dos Livros de Horas (BACKHOUSE, 2004; BROWN, 1994; PLUMMER, 2002; WIECK, 2001, 2004).

> As Horas da Virgem compreendem oito seções separadas, chamadas horas: Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nona, Vésperas e Completas. Cada Hora consiste de várias combinações de salmos, hinos, orações, e, nas Matinas, lições, além de inumeráveis jaculatórias, orações curtas conhecidas como antífonas, versículos e respostas (WIECK, 2001, p. 60, tradução nossa).

É também denominada Pequeno Ofício porque "[...] segue o modelo do Ofício Divino e representa uma versão mais breve das devoções executadas durante as oito horas canônicas" (BROWN, 1994, p. 23, tradução nossa).

As Horas da Virgem são conhecidas desde o século IX ou X e acredita-se que tenham sido elaboradas por Bento de Aniano[6] (WIECK, 2004, p. 9). Gradualmente, com o acréscimo de outros elementos, o Livro de Horas "adquiriu sua forma padrão no século XIII e continuou em uso comum até o século XVI, desfrutando de especial popularidade na França e em Flandres" (BROWN, 1994, p. 24, tradução nossa).

As oito horas que compõem as Horas da Virgem são profusamente ilustradas, na maioria dos Livros de Horas, com temas inspirados em momentos da vida da Virgem Maria relacionados à Infância de Cristo, que ficaram conhecidos como Ciclo da Infância (WIECK, 2004, p. 55; **Quadro 4**; **Figura 22**; **Figura 23**).

[6] Bento de Aniano (c. 750-821) nasceu na França, na região de Languedoc; fundou um mosteiro próximo ao rio de Aniane, para o qual estipulou regras de conduta extremamente rígidas. Posteriormente, adotou a Regra de São Bento de Núrsia, tornando-a padrão para os mosteiros ocidentais. É considerado o reformador do monasticismo ocidental. Festejado em 11 de Fevereiro, dia de seu falecimento (BENEDICT of Aniane, 2007).

Seqüência canônica	**Tema usual das imagens associadas ao Ciclo da Infância**
Matinas	Anunciação
Laudes	Visitação
Prima	Natividade
Terça	Anunciação aos Pastores
Sexta	Adoração dos Magos
Nona	Apresentação no templo
Vésperas	Fuga para o Egito Massacre dos Inocentes
Completas	Coroação da Virgem Fuga para o Egito Massacre dos Inocentes

Quadro 4: Horas da Virgem – tema das imagens associadas ao Ciclo da Infância
Fonte: Wieck (2001, 2004).

Figura 22: Horas da Virgem – a Anunciação
Fonte: Plummer (2002, p. [39]).

Figura 23: Horas da Virgem – A Fuga para o Egito
Fonte: Wieck (2001, p. 84).

As imagens que comumente enriquecem o Ciclo da Infância, nas Horas da Virgem, podem ser acompanhadas e, às vezes, substituídas pelas imagens do Ciclo da Paixão de Cristo (WIECK, 2001, p. 66; **Quadro 5**), com as seguintes representações: a Agonia, quando Cristo suou sangue no horto de Getsêmani; a Traição de Judas (**Figura 24**); Cristo diante de Pilatos (**Figura 25**); a Flagelação, quando Cristo foi chicoteado; a Subida ao Calvário, quando Cristo carregou a cruz; a Crucificação; a Deposição – a retirada de Cristo da cruz; e o Sepultamento.

Seqüência canônica	**Tema usual das imagens associadas ao Ciclo da Paixão de Cristo**
Matinas	Agonia no Getsêmani
Laudes	Traição de Judas
Prima	Cristo diante de Pilatos
Terça	Flagelação
Sexta	Subida ao Calvário
Nona	Crucificação
Vésperas	Deposição
Completas	Sepultamento

Quadro 5: Horas da Virgem – tema das imagens associadas ao Ciclo da Paixão
Fonte: Wieck (2001, 2004).

Figura 24: Horas da Virgem – A Traição de Judas
Fonte: Backhouse (1991, p. [47]).

Figura 25: Horas da Virgem – Cristo diante de Pilatos
Fonte: Wieck (2001, p. 86).

5.5 Horas da Cruz e Horas do Espírito Santo

As Horas da Cruz e as Horas do Espírito Santo são textos relativamente curtos que aparecem com grande freqüência nos Livros de Horas e normalmente sucedem as Horas da Virgem. Assim como as Horas da Virgem, são divididas segundo a seqüência canônica; a diferença é que não possuem a hora Laudes (WIECK, 2001, 2004).

Há, entretanto, situações em que essas Horas aparecem misturadas com as Horas da Virgem. Nesses casos, a ordem mais comum era: Matinas das Horas da Virgem, Matinas das Horas da Cruz e Matinas das Horas do Espírito Santo; logo após vinham as Primas de cada uma dessas Horas e assim por diante, até completar a seqüência canônica (WIECK, 2001, 2004). Existem ainda outros tipos de arranjo misturando e alternando essas três Horas de formas diferentes, que podem omitir partes de algumas – geralmente das Horas da Cruz ou das Horas do Espírito Santo – e seria impossível listar todas as opções utilizadas nos diferentes Livros de Horas (WIECK, 2001, 2004).

> A reunião das Horas da Cruz e das Horas do Espírito Santo formavam uma unidade que encorajava o leitor a continuar rezando de uma para a outra. Essas duas Horas são por vezes unidas pictorialmente. Em alguns *Horae*, temas que são iniciados nas Horas da Cruz são continuados e completados nas Horas do Espírito Santo (WIECK, 2001, p. 93, tradução nossa).

Tanto as Horas da Cruz como as Horas do Espírito Santo possuíam versões mais longas que apareciam com menos freqüência nos Livros de Horas: a versão mais longa das Horas da Cruz recebia o nome de Horas da Paixão e era conhecida, também, como Longas Horas da Cruz ou Ofício da Paixão; já a versão mais longa das Horas do Espírito Santo recebia o nome de Ofício do Espírito Santo ou Longas Horas do Espírito Santo (WIECK, 2001, 2004). Essas versões mais longas continham a hora Laudes (WIECK, 2004, p. 81).

5.5.1 Horas da Cruz

Normalmente, as Horas da Cruz são acompanhadas de apenas uma miniatura: a Crucificação (**Figura 26**). Em alguns casos, entretanto, era utilizado um ciclo com sete miniaturas, uma para cada hora canônica, com temas relacionados à Paixão de Cristo (**Quadro 6**), sendo bastante similares àqueles utilizados nas Horas da Virgem.

Seqüência canônica	**Tema usual das imagens associadas**
Matinas	Traição de Judas
Não há Laudes nas Horas da Cruz	
Prima	Cristo diante de Pilatos Humilhação de Cristo Flagelação
Terça	Flagelação Cristo coroado espinhos Cristo esbofeteado Cristo carregando a Cruz
Sexta	Subida ao Calvário Cristo pregado à Cruz Crucificação
Nona	Crucificação A morte de Cristo
Vésperas	Deposição
Completas	Sepultamento

Quadro 6: Horas da Cruz – tema das imagens associadas à seqüência canônica
Fonte: Wieck (2001, 2004).

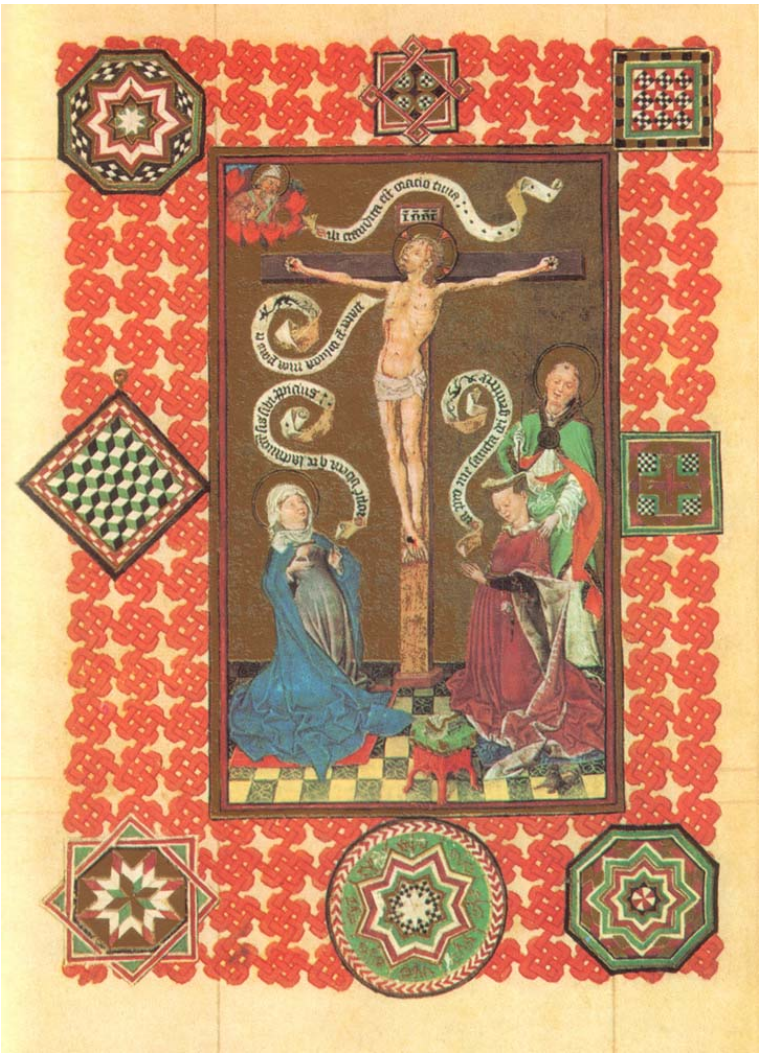

Figura 26: Horas da Cruz – a Crucificação
Fonte: Plummer (2002, p. [211]).

5.5.2 Horas do Espírito Santo

"A ilustração mais freqüente para as Horas do Espírito Santo é Pentecostes" (WIECK, 2001, p. 92, tradução nossa; **Figura 27**). Outras imagens utilizadas são a Trindade ou o Batismo de Cristo, às vezes aparecem imagens da Criação (WIECK, 2001, p. 92-93).

Assim como acontecia nas Horas da Cruz, podiam ser utilizados, também, ciclos com sete miniaturas para ilustrar as Horas do Espírito Santo (ou sua versão mais longa). Nesse caso, cada uma das horas canônicas "trata de diferentes temas relacionados aos atributos do Espírito Santo ou aos papéis que desempenhou ou desempenhará na história da redenção da humanidade" (WIECK, 2004, p. 80, tradução nossa; **Quadro 7**).

Seqüência canônica	**Tema usual das imagens associadas**
Matinas	Encarnação
Não há Laudes nas Horas do Espírito Santo	
Prima	Redenção através da Paixão de Cristo
Terça	Pentecostes
Sexta	Atos dos Apóstolos
Nona	Sete Dons do Espírito Santo
Vésperas	Espírito Santo como protetor
Completas	Juízo Final

Quadro 7: Horas do Espírito Santo – tema das imagens associadas à seqüência canônica
Fonte: Wieck (2004, p. 80).

Figura 27: Horas do Espírito Santo – Pentecostes
Fonte: Wieck (2004, p. 83).

5.6 Salmos Penitenciais e Litania dos Santos

Os Salmos Penitenciais e a Litania dos Santos, comumente, foram uma seção única de texto, que aparece logo após o conjunto composto pelas Horas da Cruz e do Espírito Santo (WIECK, 2004, p. 91).

5.6.1 Salmos Penitenciais

"A tradição medieval atribui a criação dos Sete Salmos Penitenciais (6, 31, 37, 50, 101, 129, 142) ao Rei Davi" (WIECK, 2004, p. 91, tradução nossa), que os escreveu como reconhecimento dos pecados cometidos na esperança de obter o perdão divino. Os pecados de Davi incluem o adultério com Betsabá, que ficou grávida, e o posterior envio de seu marido para a linha de frente da batalha, onde este foi morto; Davi ficou extremamente arrependido, escreveu os Salmos Penitenciais e Deus o perdoou (WIECK, 2004, p. 91).

> O número de Salmos [Penitenciais] e de Pecados Mortais é mesmo – os primeiros, na Idade Média, tornaram-se armas com as quais se podia lutar contra os últimos. Uma associação direta entre os Salmos Penitenciais e os sete Pecados Mortais é feita em alguns Livros de Horas (WIECK, 2001, p. 99, tradução nossa).

Os Sete Salmos Penitenciais integram o Saltério, o Livro dos Salmos, e "[...] tradicionalmente têm uma miniatura que marca o início dessa seção" (WIECK, 2001, p. 97, tradução nossa). Mas, em alguns casos, cada um dos sete Salmos é ilustrado com uma miniatura diferente.

Os temas mais utilizados para ilustrar os Salmos Penitenciais estão relacionados à vida de Davi, notadamente cenas que aludem ao adultério com Betsabá e ao envio de seu marido Uriá à frente de batalha; a imagem de Davi em penitência (**Figura 28**) é uma das mais freqüentes (WIECK, 2001, 2004). Também podem aparecer, por exemplo, imagens do Juízo Final, de Cristo Rei ou de Cristo como *Salvator Mundi* – segurando o globo terrestre em suas mãos (WIECK, 2001, 2004).

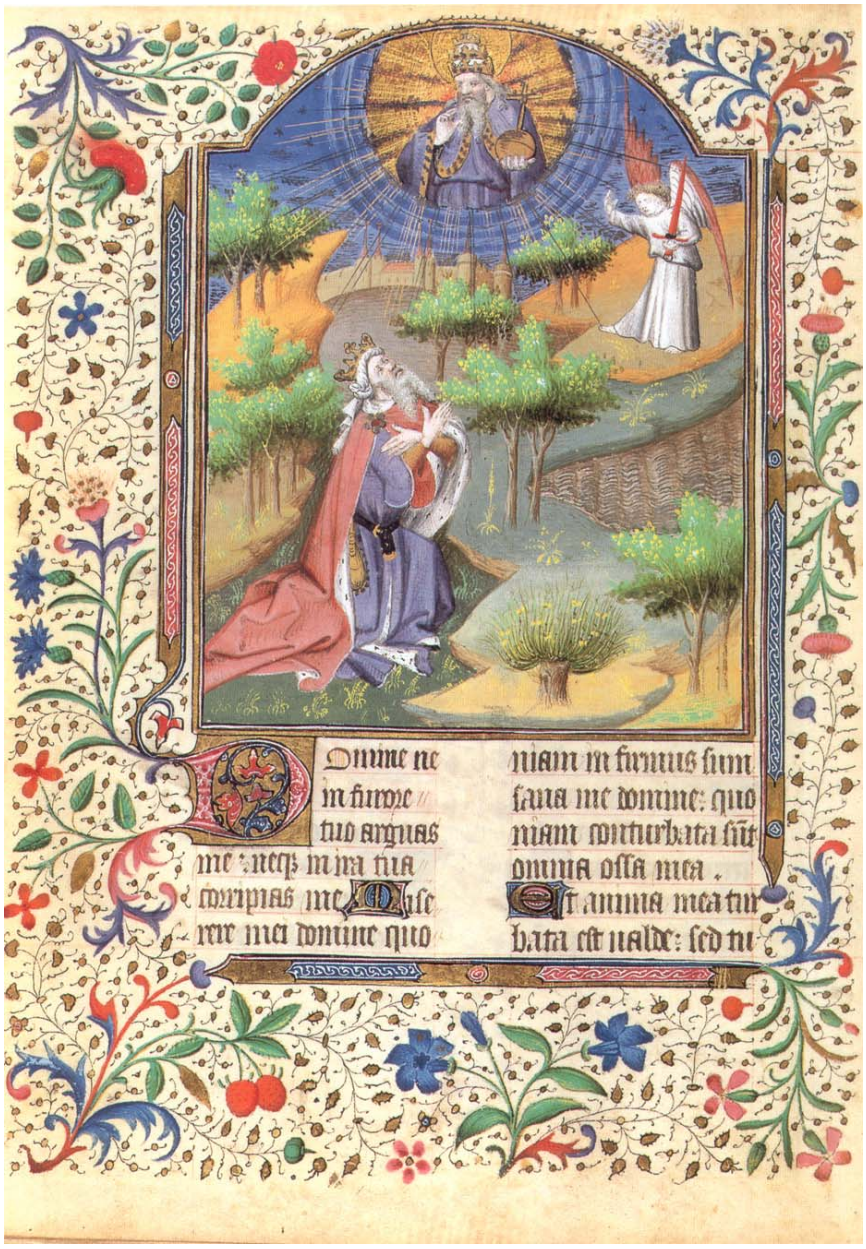

Figura 28: Salmos Penitenciais – Davi em penitência
Fonte: Wieck (2001, p. 139).

5.6.2 Litania dos Santos

A Litania dos Santos, normalmente, sucedia os Sete Salmos Penitenciais e era recitada em conjunto com eles (WIECK, 2001, p. 101); fazendo parte do mesmo capítulo, por assim dizer. “A litania é uma série de invocações por ajuda e intercessão usualmente endereçadas à Trindade, à Virgem, a anjos, apóstolos, mártires, confessores, e virgens, individualmente ou em grupo” (BROWN, 1994, p. 80, tradução nossa).

Essa série é iniciada pela declamação de uma versão abreviada do *Kyrie*, parte integrante da Missa celebrada na Igreja (“Senhor, tenha piedade; Cristo, tenha piedade; Senhor tenha piedade”); seguida pela invocação da Virgem Maria (“Santa Mãe de Deus, orai por nós”) e por outras invocações, seguindo o mesmo modelo (“São João Batista, orai por nós”); depois vinham os pedidos (“Da praga, fome e guerra, Ó Senhor, livrai-nos”); então vinha a declamação da *Agnus Dei* (“Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós”); para finalizar, a repetição abreviada do *Kyrie* e várias preces pelos mortos (WIECK, 2004, p. 92).

“Os santos incluídos numa litania variavam de acordo com a região e interesses do orante, que encomendava o Livro de Horas. Por essa razão, freqüentemente providenciavam valiosa evidência a respeito da origem do manuscrito” (BROWN, 1994, p. 80, tradução nossa).

A Litania é raramente ilustrada (WIECK, 2001, p. 101), mas em alguns casos aparecem imagens pequenas relacionadas aos santos invocados (**Figura 29**) ou uma miniatura – com temas similares aos dos Salmos Penitenciais – para marcar seu início e separá-la dos Salmos Penitenciais.

Figura 29: Litania dos Santos com pequenas imagens acompanhando as invocações aos santos
Fonte: Wieck (2001, p. 102).

5.7 Ofício dos Mortos

O Ofício dos Mortos "usualmente sucedia os Salmos Penitenciais e a Litania" (WIECK, 2004, p. 117, tradução nossa). Enquanto outros textos presentes nos Livros de Horas consistiam de versões reduzidas dos textos originais – disponíveis, por exemplo, nos Breviários e Saltérios do clero –, o texto do Ofício dos Mortos costumava aparecer na íntegra (WIECK, 2001, 2004).

Conhecer seu nome anterior, Ofício *para* os Mortos, nos permite compreender melhor o propósito de sua leitura: minimizar o tempo que as almas passariam no purgatório, se não conseguissem ir diretamente para o céu, auxiliando os mortos a entrar no paraíso celestial; a ajuda dos vivos através da oração era muito importante, pois os mortos não podiam rezar em benefício próprio (WIECK, 2004, p. 117).

Nove lições retiradas do Livro de Jó compõem o texto do Ofício dos Mortos, que é recitado ao longo de três horas canônicas – Vésperas, Matinas e Laudes (WIECK, 2001, 2004). "As provações suportadas por Jó tornaram-se uma alegoria para o tempo dos indivíduos na terra – ou no purgatório" (WIECK, 2004, p. 118, tradução nossa).

A leitura do Ofício dos Mortos acontecia de forma regular como preparação para o momento da morte; mas podia ocorrer, também, em datas especiais, como o aniversário de morte de um familiar ou a véspera de um enterro (WIECK, 2001, 2004).

> [...] as miniaturas que marcavam o início do Ofício dos Mortos são as de iconografia mais variada entre todas as que aparecem nos Livros de Horas. Há mais imagens diferentes para este texto do que para qualquer outro. Essas miniaturas também estão entre as mais fascinantes e comoventes pois tratam do temor e obsessão com a morte presente no final da Idade Média (WIECK, 2001, p. 124, tradução nossa).

Um Livro de Horas possui, tradicionalmente, apenas uma miniatura associada ao Ofício dos Mortos e o assunto mais retratado é o funeral religioso (**Figura 30**), no qual ocorria a leitura do próprio Ofício (WIECK, 2001, 2004). Embora a temática dominante esteja relacionada aos diferentes momentos do funeral, certos casos mostram momentos anteriores à cerimônia funerária – o leito de morte, por exemplo – ou imediatamente posteriores à morte – como a preparação do morto para o enterro; outros temas utilizados eram: a vida de Jó, a ressurreição de Lázaro, a morte em si, a estória de Dives e Lázaro (também conhecida como a Parábola do rico e do mendigo), o Juízo Final (WIECK, 2001, 2004).

Em raros casos, há um conjunto de nove miniaturas, uma para cada lição de Jó, ilustrando o Ofício dos Mortos (WIECK, 2001, 2004).

Figura 30: Miniatura do Ofício dos Mortos
Fonte: Wieck (2001, p. 147).

5.8 Sufrágios

Os Sufrágios são “preces recitadas em honra dos santos para pedir por sua intercessão” (FAY-SALLOIS, 2005, p. 126, tradução nossa), freqüentemente incluídos nos Livros de Horas (BROWN, 1994, p. 119). Geralmente apareciam no final do volume, embora algumas vezes fossem colocados após a hora Laudes das Horas da Virgem (WIECK, 2004, p. 109). Os “Sufrágios são conhecidos pelo menos desde o século XI, embora os manuscritos existentes mais antigos sejam do século XIII” (BROWN, 1994, p. 119, tradução nossa).

As preces que compunham os Sufrágios eram organizadas de acordo com a hierarquia celestial (BROWN, 1994; WIECK, 2001, 2004).

Segundo Michele P. Brown (1994, p. 119, tradução nossa), a apresentação das preces começava “[...] com a Trindade, geralmente continuando com a Virgem, São Miguel, São João Batista, apóstolos, mártires, confessores [santos que não foram martirizados e morreram de causas naturais] e santas”, respeitando essa ordem. Mas, de acordo com Roger S. Wieck (2004, p. 109), a invocação de Deus isoladamente, substituindo a Trindade, também poderia iniciar os Sufrágios.

A quantidade de Sufrágios incluídos num Livro de Horas varia de acordo com a devoção e os recursos financeiros do orante ou patrocinador responsável por sua encomenda. O exemplar de Blanche de Burgundy, por exemplo, contava com oitenta e três Sufrágios (WIECK, 2001, p. 111). Do mesmo modo, a escolha dos santos que ocorrem nos sufrágios, variou de acordo com a região ou devoção pessoal” (BROWN, 1994, p. 119, tradução nossa), tornando-os instrumentos para a identificação do local de uso de um Livro de Horas específico.

Nem sempre os Sufrágios são ilustrados. Quando são, apresentam miniaturas retratando alguns santos com seus atributos – privilegiando os santos favoritos do orante.

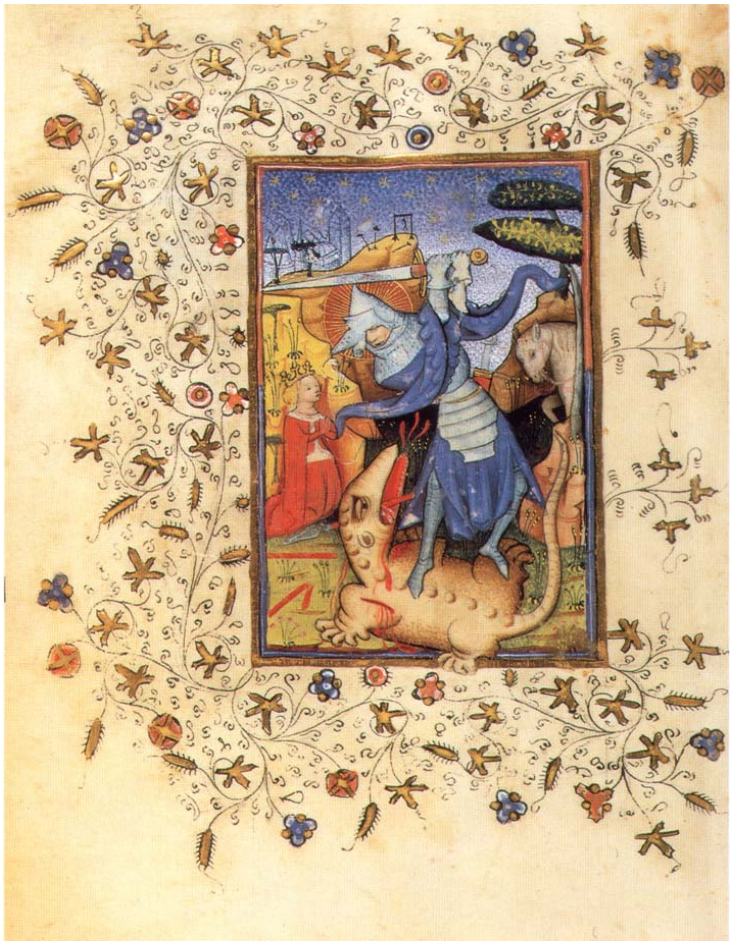

Figura 31: Sufrágios dos Santos – São Jorge
Fonte: Wieck (2001, p. 143).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro é um instrumento de difusão do conhecimento; documenta, com sua história, a evolução cultural do homem; "[...] assumiu tal importância na expressão do pensamento e na conservação de todo o conhecimento que merece um estudo particular" (LABARRE, 1981, p. 1). Através da História do livro podemos compreender melhor a história da humanidade.

No âmbito da Biblioteconomia, o estudo da História do livro – desenvolvido na Escola de Biblioteconomia da UNIRIO através das disciplinas de Produção do Registro do Conhecimento I e II – é essencial “para o trato de acervos de memória, registrados em todos os suportes e através de múltiplos materiais e instrumentos que a criatividade humana produziu e continua produzindo” (PINHEIRO, 2003, p. 3).

Tendo em mente a importância da História do livro, decidimos desenvolver uma pesquisa sobre os Livros de Horas manuscritos produzidos até o século XV. Foi necessário estabelecer um recorte do assunto e optamos por investigar com mais atenção o processo de manufatura desses livros e sua estrutura textual e imagética.

Mas em meio a tantas possibilidades de objetos de estudo, o que nos leva aos livros manuscritos medievais? Ora, esses são os precursores do livro impresso, grande marco da civilização ocidental, e constituem parte de nossa herança cultural.

Segundo Roger Chartier, “[...] o livro impresso mantém-se fortemente dependente do manuscrito até por volta de 1530, imitando-lhe a paginação, as escrituras, as aparências e, sobretudo, considerando-se que ele deve ser acabado à mão [...]” (1999, p. 96). Podemos dizer que o livro impresso que existe até hoje, apesar das constantes previsões sobre seu fim iminente, é um herdeiro do livro manuscrito que o antecedeu.

Apesar da crescente digitalização e virtualização dos acervos, ainda precisamos estudar e compreender a história de nossos registros de conhecimento e isso inclui, por exemplo, os livros manuscritos medievais, como os Livros de Horas que são objeto de nossa pesquisa.

É de fundamental importância que o bibliotecário conheça o acervo com o qual trabalha para saber como torná-lo acessível para todos os usuários interessados ou que possam se interessar por esse acervo. Conhecer a história dos livros que compõem sua biblioteca e de todos os livros que precederam os livros no formato que hoje conhecemos, configura-se como um dos caminhos a ser seguido pelo bibliotecário que pretende assenhorar-se do universo do conhecimento inventariado em bibliotecas.

Os Livros de Horas manuscritos não são, apenas, objetos artísticos magníficos; eles contam a história da civilização medieval, como registros culturais; e documentam as técnicas e os recursos da produção de livros nesse período, através de sua materialidade.

Esses dados não constituem informações evidentes. Precisamos saber ver e entender as pistas que esses livros nos fornecem.

Para desvendar sua materialidade, podemos estudá-los sob o viés da Codicologia e observar, por exemplo, os tipos de materiais utilizados em sua manufatura, assim como o estilo das furações e da pautação, para ajudar a determinar sua data de fabricação e proveniência; ou descobrir, através das marcas de propriedade e de leitura, a trajetória percorrida pelo manuscrito ao longo dos séculos.

A investigação da estrutura textual e imagética nos revela o caráter religioso da civilização medieval. As belas imagens mostram a arquitetura, a dinâmica social, o vestuário, os gestos dos homens e mulheres da Idade Média.

Os santos incluídos no calendário, originalmente simples manifestações de devoção, são, hoje, pistas que auxiliam a identificação do local de uso do livro – detalhe essencial, que define a história da produção do escrito, sob o ponto de vista geográfico.

A ocorrência eventual de brasões e retratos pode levar à identificação dos donos do manuscrito, definindo sua proveniência e aspectos do colecionismo.

Os materiais utilizados em sua elaboração, as marcas no pergaminho e as imagens que mostram escribas em ação deixaram pistas que permitiram conhecer as práticas dos *scriptoria* e das oficinas medievais.

O estudo dos Livros de Horas manuscritos possibilita inúmeras leituras; dentre as quais aquela dirigida pelo olhar codicológico, a abordagem material do livro – adotada nesta pesquisa.

Este trabalho pode servir como ponto de partida para a conscientização da complexidade do livro como obra de arte, nos primórdios de sua produção, e como registro do conhecimento, desde sempre.

Acreditamos, ainda, que a maior contribuição deste trabalho esteja em reunir bibliografia fundamental sobre Livros de Horas, dispersa em diferentes fontes muitas vezes não disponíveis em português, facilitando a pesquisa e a identificação material desses livros, oferecidos para consulta por bibliotecários de livros raros em bibliotecas de todo o mundo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6033**: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BACKHOUSE, Janet. **The Bedford Hours**. New York: New Amsterdam Books, 1991. (Medieval Manuscripts in the British Library).

_____. **Illumination from Books of Hours**. London: British Library, 2004.

BECKETT, Meredeth. **Feather quills**. 2 ago. 2006. 1 fotografia, color. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/notuboc/327835543/sizes/o/>. Acesso em: 12 jan. 2008.

BENEDICT of Aniane. In: PATRON Saints Index. Ballwin: The Catholic Community Forum and Liturgical Publications of St. Louis, 29 abr. 2007. Disponível em: <http://www.catholicforum.com/saints/saintb18.htm>. Acesso em: 26 dez. 2007.

BERGE, Damião. Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional**. VERBVM**: publicação trimestral das faculdades católicas, Rio de Janeiro, t. 2, n. 1, mar. 1945.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. 2. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Edição revista, aumentada e criticada por Étienne Bloch. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997. (Colecção Forum da História, 28).

BOOKS of Hours. London: Phaidon, 1996.

BORGES, Jorge Luís. O Livro. In: _____. **Borges**: cinco visões pessoais. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BROWN, Michelle P. **Understanding illuminated manuscripts**: a guide to technical terms. [Malibu, California]: J. Paul Getty Museum; [London]: British Library, 1994.

BUONOCORE, Domingo. **Elementos de Bibliotecología**. 2. ed. corrigida e aumentada. Santa Fé, Argentina: Ediciones Castellvi, 1948.

CALENDÁRIO. In: GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972-1973. v. 3, p. 1212-1213.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHERRY, John. **Medieval Crafts**: a book of days. London: British Museum Press, 1993.

CODICOLOGIA. In: GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1970. v. 3, p. 1744.

COSTA, Valeriano dos Santos. **Liturgia das Horas**: a memória de Cristo ao longo do dia. São Paulo: Paulinas, 12 mai. 2006. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/Files/documento_ 51_1.doc>. Acesso em: 17 ago. 2007.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE GRÈVE, Marcel. Codicologie. In: DICTIONNAIRE International des Termes Littéraires. Limoges, France: Université de Limoges, 11 jul. 2007. Disponível em: <http://www.ditl.info/arttest/art1203.php>. Acesso em: 19 set. 2007.

DE HAMEL, Christopher. **The British Library guide to manuscript illumination**: history and techniques. Toronto, Buffalo: University of Toronto, 2001.

_____. **Scribes and illuminators**. Toronto, Buffalo: University of Toronto, 2002.

FAY-SALLOIS, Fanny. **A treasury of hours**: Selections from Illuminated Prayer Books. Foreword by Dominique Ponnau. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2005.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. Com a colaboração de Anne Basanoff, Henri Bernard-Maître, Moché Catane, Marie-Roberte Guignard e Marcel Thomas. Tradução de Henrique Tavares e Castro. Revisão científica de Artur Anselmo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Tradução de: L'Apparition du livre.

FIGUEIREDO, Laura Maia; CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. **Curso de Bibliografia geral**. Rio de Janeiro: Record, c1967.

HALSALL, Paul. Glossary of Terms Used in Paleography: preliminary version 0.2. In: _____. **Byzantium:** The Byzantine Studies on the Internet. New York: Fordham University, 21 out. 1996. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/byz/paleoggloss.html>. Acesso em: 19 set. 2007.

INSTITUT DE RECHERCHE ET D'HISTOIRE DES TEXTES. **Section de codicologie, héraldique et histoire des bibliothèques**. Paris, 5 fev. 2007. Disponível em: <http://www.irht.cnrs.fr/recherche/codico.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro**: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. Com a colaboração de Walter D. Cohn. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

LABARRE, Albert. **História do livro**. Trad. de Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Cultrix; [Brasília, DF]: INL, 1981. Tradução de: Histoire du livre.

LIVRO das Horas. In: LEMAITRE, Nicole; QUINSON, Marie-Therese; SOT, Veronique. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. Tradução Gilmar Saint'Clair Ribeiro, Maria Stela Goncalves, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 184. Tradução de: Dictionnaire culturel du Christianisme.

LIVROS de Horas. In: GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1970. v. 7, p. 4063.

LIVROS de Horas. In: LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Com 250 ilustrações. Tradução Álvaro Cabral. Revisão técnica Hilário Franco Junior. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução de: The Middle Ages – a Concise Encyclopaedia.

LODI, Enzo. **Os santos do calendário romano**: rezar com os santos na liturgia. Tradução Benôni Lemos, Patrícia G. E. Colina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução de: A history of reading.

MARCHAND, James W. Codicology. In: WHAT Every Medievalist Should Know. New York: The College of Staten Island, 7 mar. 2004. Disponível em: <http://www.the-orb.net/wemsk/codicologywemsk.html>. Acesso em: 19 set. 2007.

_____. **What is Codicology?** St. Louis: Washington University in St. Louis, 13 nov. 2002. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20030608163131/http://artsci.wustl.edu/~smcarey/whatiscodicology.html>. Acesso em: 16 dez. 2007.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: História do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. il., rev., atual. São Paulo: Ática, 1998. (Série Temas, 49).

MEDIEVAL Manuscript Manual. Budapest: Central European University, Department of medieval studies, 22 mar. 2001. Disponível em: <http://www.ceu.hu/medstud/manual/MMM/index.html>. Acesso em: 10 dez. 2007.

MUZERELLE, Denis. **Vocabulaire Codicologique**: répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits avec leurs équivalentes em anglais, italien, espagnol. Sous le patronage du Comité International de Paléographie Latine. Edition hypertextuelle, version 1.1, 2002-2003. Paris: Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, 17 set. 2003. Disponível em: <http://vocabulaire.irht.cnrs.fr/vocab.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

NUNES, Irene Freire; MARTINS, Fernando Cabral. Codicologia. In: GLOSSÁRIO de crítica textual. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Pós-graduação em Edição de Texto, 28 jul. 2005. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cpg/editexto/ct/glossario.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro**, III: Idade Média. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1987.

PINHEIRO, Ana Virginia. A cor da cor no desenho do livro. In: HORCADES, Carlos (Org.). **Almanaque tipográfico**. Rio de Janeiro, [2008?]. 112 p. No prelo.

_____. Do labirinto ao invisível: a história do livro raro no Brasil. **Dialogo Científico**, Brasília, 6 fev. 2006. Trabalho originalmente apresentado no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 19., 2000, Porto Alegre. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000679/01/T020.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2007.

_____. Glossário de Codicologia e Documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 115, p. 123-213, 1995 (1998).

_____. O livro do olhar e do silêncio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 1998, Recife. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-INTERCOM, 1998. 1 CD-ROM.

_____. **Organização e administração de bibliotecas**: planos de aulas. 2007a. Material didático utilizado no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

_____. **Produção do registro do conhecimento I**: planos de aulas. 2003. Material didático utilizado no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

_____. **Produção do registro do conhecimento II**: planos de aulas. 2007b. Material didático utilizado no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

PLUMMER, John. **The Hours of Catherine of Cleves**. New York: George Braziller, 2002.

RUIZ GARCÍA, Elisa. **Manual de codicología**. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirámide, 1988.

SAENGER, Paul. Rezar com a boca e rezar com o coração. Os Livros de Horas: do manuscrito ao texto impresso. In: CHARTIER, Roger (coord.). **As utilizações do objeto impresso**: séculos XV-XIX. Miraflores: Difec, 1998.

SCHMITT, Jean Claude. Imagens. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Coordenação da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006. v. 1, p. 591-605.

SHAVER-CRANDELL, Anne. **A idade média**: história da arte da Universidade de Cambridge. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

TOLLEY, T. **Libro de Horas**. Traducción Susana Madroñero. Madrid: LIBSA, 1993.

WALTHER, Ingo F.; WOLF, Norbert. **Masterpieces of illumination**: the world's most beautiful illuminated manuscripts from 400 to 1600. Köln: Taschen, 2005.

WIECK, Roger S. **Painted prayers**: The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art. New York: George Braziller, 2004.

_____. **Time Sanctified**: The Book of Hours in Medieval Art and Life. 2. ed. New York: George Braziller; Baltimore: The Walters Art Museum, 2001.

ZAID, Gabriel. **Livros demais**: sobre ler, escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.